

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

**FIGURAS FEMININAS DE ORIGEM ALEMÃ NO ROMANCE
A FACE DO ABISMO, DE CHARLES KIEFER**

Simone Aires Vogel

Florianópolis
2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

**FIGURAS FEMININAS DE ORIGEM ALEMÃ NO ROMANCE
A FACE DO ABISMO, DE CHARLES KIEFER**

Simone Aires Vogel

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Teoria Literária.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Celso Alano da Cruz

Florianópolis
2003

Dedico esta dissertação com todo meu amor ao meu irmão *Valmir Vogel Junior*, que é peça fundamental não só na concretização deste trabalho como também na minha vida...

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho é fruto de um conjunto de idéias, vivências e escolhas para cuja realização muitas pessoas contribuíram direta ou indiretamente.

Agradeço a Deus por ter me proporcionado esta experiência profissional e o conhecimento que adquiri para a vida com a realização deste trabalho.

A minha família, por todo apoio, confiança e incentivo durante este período. Em especial a minha mãe Izaura, a meus irmãos Valmir e Kelen, à Tia Zilda e à Tia Isabel.

Ao escritor e amigo Charles Kiefer por suas personagens maravilhosas, suas palavras de carinho e conselhos nos momentos mais difíceis.

À professora Márcia Ivana de Lima e Silva por sua amizade, orientação e apoio desde os tempos de graduação.

Ao CNPq, entidade financiadora desta pesquisa.

Ao meu orientador, Dr. Cláudio Celso Alano da Cruz, por me proporcionar o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores do curso João Hernesto Weber e Carlos Eduardo Capela, pelas colaborações significativas para a realização do trabalho.

À Elba Ribeiro, por toda sua dedicação e carinho para comigo.

Aos amigos antigos: Rita, Alessandra Trindade, Étula, Daniel Mocellin, David Polachini, Nelci, Jane. Aos novos: Bia, Dinho, Verô, Samira, Nani, Márcio Lúcio, Mariana, Lelê, Ronaldo Fernandes, Ivelise, Neca, Arlete, Marlene, Twiggy.

Aos amigos do curso de Pós-Graduação, Nilo, Maris, Ivan, Renata.

Ao André Menna, por tudo...

RESUMO

Este trabalho apresenta uma leitura crítica do romance *A face do abismo*, do escritor Charles Kiefer, abordando o processo imigratório no Brasil. Nesse romance, o escritor relata, através da colonização feita por teuto-brasileiros, situações que repetem as mesmas vivenciadas pelos alemães imigrantes na chegada ao país, como a falta de demarcação de terras, e também apresenta uma forte abordagem sobre a figura feminina alemã. Estas personagens femininas criadas por Kiefer estão em constante questionamento sobre sua identidade e buscam, através da ruptura com a sociedade, a família e a religião a qual pertencem, uma posição no meio em que vivem. Já que estão a procura de transformação, e a identidade não é fixa e sim mutável, estas mulheres cobiçam ao menos uma perspectiva para consolidar suas existências.

Este trabalho procura, então, a partir destas personagens, observar como ocorreu o processo imigratório no país, verificar como a mulher se situa nesse processo de transformação e ainda observar no que a mulher alemã difere da mulher que vivia no sul do Brasil, analisando qual foi sua contribuição para o surgimento de uma nova identidade, formada a partir do processo de imigração.

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Arbeit bietet eine kritische Analyse des Romans *A face do abismo*, von dem Schriftsteller Charles Kiefer, der den Einwanderungsprozeß in Brasilien behandelt. Der Autor schildert in diesem Roman Ereignisse der deutsch-brasilianischen Kolonisierung, in denen sich dieselben Situationen wiederholen, die die deutschen Einwanderer bei ihrer Ankunft erlebt haben, wie zum Beispiel die fehlende Abgrenzung der Ländereien, und zeigt uns auch, in kräftigen Farben, die Figur der deutschen Frau. Die kieferschen Frauenrollen stellen ständig ihre Identität in Frage und sind auf der Suche einer nicht endgültigen Stellung in ihrer gesellschaftlichen Umgebung, indem sie die herrschenden Regeln der Gesellschaft, der Familie und der Religion der sie angehören brechen, zumal sie auf Veränderung abzielen, wobei die Identität nicht endgültig sondern wechselhaft ist und zumindest eine neue Lebensperspektive darstellt.

Anhand dieser weiblichen Figuren, wird der Versuch gemacht, den Einwanderungsprozeß des Landes zu verstehen, die Stellung der Frau in diesem Prozeß klarzulegen, sowie die Unterschiede zwischen der deutschen Frau und den Frauen, die in Südbrasilien lebten, festzulegen. Dabei wird der Beitrag der deutschen Frau zu einer neuen Identität analysiert, die durch den Einwanderungsprozeß entstanden ist.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – <i>A face do abismo</i> e a colonização	13
Os imigrantes alemães no Brasil	
Os alemães no Rio Grande do Sul	
CAPÍTULO II – A identidade cultural em <i>A face do abismo</i>	37
A identidade cultural e a identidade étnica	
O alemão e a sociedade de adoção	
A identidade feminina	
CAPÍTULO III – Contemplando a face	56
Charles Kiefer, um pouco de sua história	
<i>A face do abismo</i>	
<i>A face do abismo</i> : texto e contexto	
CAPÍTULO IV - A mulher alemã na sociedade e na ficção	78
A mulher gaúcha e alemã na sociedade	
A mulher alemã no romance de Charles Kiefer	
Alberta Zeller	
Herta Muller-Rosas	
Laura Jung-Rosas	
Milena Zeller	
CONCLUSÃO	117
BIBLIOGRAFIA	121

INTRODUÇÃO

Charles Kiefer é autor de várias obras narrativas, como *Caminhando na chuva*, *Valsa para Bruno Stein*, *A face do abismo*, *Os ossos da noiva*, *O poncho*, entre outras, possuindo uma vasta coleção de prêmios recebidos ao longo de vinte anos dedicados à literatura. Na maioria de suas obras, os temas abordados são polêmicos, como questões agrárias e o racismo. E é nesses textos que vamos encontrar também uma figura feminina que se porta de uma maneira distinta de algumas personagens conhecidas por nós na literatura sulina. Estas figuras promovem suas ações em benefício próprio, são diferenciadas das demais, já que estão voltadas para si mesmas, à procura de uma realização pessoal, e não preocupadas com a família e a sociedade.

As personagens femininas na obra de Kiefer, quase todas descendentes de alemães, através da “quebra de regras” impostas pelo meio em que vivem, lutam para se estabelecer e fazer valer seus direitos. Esta sociedade está em constante transformação, já que não é mais alemã, mas possui traços marcantes desta cultura e do convívio com seus integrantes, descendentes também de outras culturas, já consolidadas, causando assim um atrito no convívio de ambas.

Essas mulheres saem então à procura de uma identidade esquecida ou perdida com o processo migratório pelo qual seus descendentes passaram. E através dessa busca nos fazem questionar principalmente sobre o lugar da mulher na literatura e na sociedade, principalmente na gaúcha, já que os romances são ambientados em uma cidade fictícia no sul do Brasil.

Ao nos depararmos com essas figuras femininas, a primeira questão que nos assalta é o fato de a grande maioria das personagens de Kiefer ser de ascendência alemã, fato este que nos faz questionar se a etnia, ou a “cultura distante”, uma vez que são brasileiras e filhas de brasileiros, pode ainda influenciar seu modo de ser, agir, pensar, expressar, a sua maneira de se impor e lutar pelos seus ideais.

Com base nesses questionamentos sobre a representação da figura feminina de origem alemã e através de um maior aprofundamento na história migratória, surgiu a idéia deste trabalho, que ao longo do curso de mestrado foi se transformando, ora aproximando-se, ora afastando-se das primeiras idéias. A cada descoberta, um novo problema surgia e novas leituras se faziam necessárias, impedindo, muitas vezes, através do contato com novas teorias, que se seguisse o rumo inicialmente traçado.

O romance de Charles Kiefer não procura relatar o processo de imigração ocorrido no Rio Grande do Sul. Usa o fato para poder desenvolver questões que envolvem mais o cotidiano, a política, a religião, e também a literatura, já que nesta obra os narradores questionam as “verdades históricas”.

O desenvolvimento dessa pesquisa parte, então, do romance *A face do abismo* como o lugar onde podemos encontrar conflitos externos e internos referentes a fatores culturais e relacionados a questões de raça, poder, identidade e religião, entre outras, que nos são apresentadas pelas figuras femininas.

O primeiro capítulo está subdividido em três partes. A primeira faz uma pequena introdução ao que será desenvolvido no decorrer do capítulo. A segunda, mostra todo o processo migratório dos alemães para o Brasil, por que os alemães vieram, o que acontecia no Brasil e na Alemanha e o que lhes foi prometido. Nos séculos XIX e XX, o Brasil foi alvo de grandes imigrações de países europeus. No caso alemão a imigração ocorreu

através de um processo de expulsão, por parte da Alemanha, e atração, por parte do Brasil. Mas esse fato não foi contínuo, por causa das guerras e da falta de cumprimento das leis de migração. O processo imigratório foi interrompido várias vezes, até extinguir-se por completo na metade do século XX. A terceira parte do capítulo mostra como foi a chegada dos alemães no sul, “a terra prometida”, e narra as dificuldades pelas quais passaram, os maiores problemas, a resistência por parte dos brasileiros, as perseguições religiosas e políticas. Esse é um capítulo histórico, para podermos situar-nos ao ler o restante do texto, uma vez que muitos dos fatos relatados nessa parte do trabalho serão desenvolvidos no decorrer da dissertação. Através dessas observações, podemos pensar o sujeito em sua condição de “entre-lugar”, já que transita entre duas culturas.

O segundo capítulo discute as questões de identidade cultural pela qual passaram os alemães que sofreram esse processo de mudança. E essa alteração implica em espaço geográfico e cultural. Apesar de permanecerem completamente isolados do restante da sociedade no início da colonização, fator que propiciou a prática e a continuidade de sua própria cultura, foram aos poucos tomando contato e inserindo novos hábitos ao seu modo de viver, contribuindo, assim, para o surgimento de uma cultura híbrida no sul do país. Esse capítulo está dividido em três partes. A primeira é uma pequena introdução, seguida por uma discussão teórica entre identidade étnica e identidade cultural, abordando o processo sofrido pelos alemães ao deixarem a sua pátria em busca de melhores condições. Logo após, é feito um relato sobre como se portaram os alemães nesse novo espaço, em convívio com essa nova cultura. No final do capítulo, procuro ver como ficou a identidade feminina das mulheres alemãs no processo de colonização: o que ganharam ou perderam e o que conseguiram preservar além da culinária.

Um breve resumo do romance *A face do abismo*, a fortuna crítica, um pouco da vida do escritor Charles Kiefer e ainda uma pequena análise do romance fundindo texto e contexto é o que está em pauta no terceiro capítulo, que procura, além de levar o leitor a conhecer o autor e a obra, preparar o leitor para a análise mais profunda e fundamental na conclusão do texto, que é a das figuras femininas. Essa análise informa o leitor sobre questões do texto que são fundamentais para o seu desenvolvimento. A interferência de dois narradores na obra e o processo de criação literária, bem como as influências externas que interferem no texto, como política, religião, ascendência e experiências pessoais, também aparecem neste capítulo.

Enfim, o quarto capítulo propõe uma análise do nosso principal objeto de estudo nesta pesquisa: a figura feminina de origem germânica. Essa análise confronta essas figuras as personagens mais conhecidas por nós, na literatura sulina, e conseqüentemente, na representação da mulher sulina no século XIX. Embora a mulher gaúcha muitas vezes comandasse a estância em função da ausência do marido devido às guerras, era o homem que representava o poder máximo dentro de casa e, na sua presença, a mulher retornava a sua posição submissa. O capítulo está dividido em duas partes distintas que se subdividem. A primeira trata da mulher na ficção e na sociedade, de como ela é representada e de como a mulher gaúcha e a alemã são identificadas no Rio Grande do Sul. Após essas discussões, há um texto intermediário que apresenta a mulher alemã no romance de Kiefer, para então entrarmos na parte final do texto que é a análise das principais personagens femininas no romance *A face do abismo*. Quatro personagens são apresentadas nessa parte do trabalho. Alberta Zeller, narradora em primeira pessoa; Herta Müller-Rosas, personagem que mais expressa a sexualidade, que se casa com um mestiço e através da qual a mistura racial aparece no romance; Laura Jung-Rosas, jovem que questiona a religião, que também se

casa com um mestiço, contra a vontade da mãe, e que rompe as regras impostas pela igreja ao suicidar-se; e Milena Zeller, que é uma mistura dessas personagens, e através de quem a religião, a posição feminina e o poder são questionados. Também representa a mulher alemã de uma maneira como ela é percebida por muitos, forte, decidida, tendo o mesmo grau de igualdade com o marido no comando da casa e da família.

Observar a chegada dos alemães no país, perceber o processo de adaptação na “nova terra”, a integração com o meio e, ainda, a influência da cultura germânica na formação de uma nova identidade feminina e de uma cultura híbrida no Rio Grande do Sul são os objetivos traçados para compreender melhor a representação dessas personagens femininas na obra *A face do abismo*.

Somente depois de atingir os objetivos é que será possível reunir argumentos necessários para o desenvolvimento de uma análise da mulher de origem germânica na obra de Charles Kiefer, para a comparação desta com a mulher gaúcha e, consecutivamente, para a concretização deste trabalho.

CAPÍTULO I

A FACE DO ABISMO E A COLONIZAÇÃO

No lado alemão nunca pude integrar-me, no lado brasileiro eu era alemão.

Viana Moog¹

O romance *A face do abismo*, de Charles Kiefer, narra uma das formas de como ocorreu a colonização alemã no Rio Grande do Sul, através da trajetória de doze famílias de descendentes de alemães que juntas saíram da colônia de São Leopoldo² para formar uma nova colônia, a fictícia cidade de San Martin, onde se passa a história do romance.

O autor relata, em sua obra, algumas dificuldades enfrentadas por esses imigrantes, homens, mulheres e crianças corajosos, que deixaram sua pátria rumo ao desconhecido, em busca de um futuro melhor. Algumas passagens históricas referentes à colonização são retratadas pelo escritor, tais como as dificuldades enfrentadas pelos germânicos na chegada à nova terra e o perigo representado pelos índios e animais selvagens.

Aproximadamente oitenta anos de história são narrados em *A face do abismo*, incluindo a trajetória, as dificuldades, as diferenças culturais, os problemas de identidade cultural e os preconceitos praticados e vividos pelas doze famílias que, presentes no

¹ MOOG, Viana. Apud MULLER, Telmo Lauro. *175 anos de colonização alemã*. Porto Alegre: EST Edições, 2001. p. 34.

² A Real Feitoria do Linho Câhamo, posteriormente denominada São Leopoldo, foi a primeira colônia alemã no Estado do Rio Grande do Sul. Fundada em 1824, com a chegada de 38 imigrantes, tinha como finalidade ocupar e cultivar a terra.

universo ficcional, rápido se multiplicaram, fundando uma nova cidade. Outro fato a ser observado no romance de Charles Kiefer é a atuação da figura feminina: forte, participativa, decidida e atuante, características que diferenciam a imigrante alemã das mulheres de outras culturas que viviam no Rio Grande do Sul. A alemã, ou a descendente germânica, contribuiu para a formação da personalidade da figura feminina sulina não só através da culinária, do cuidado com a casa e da dedicação ao marido, mas também através da sua determinação e força, salientando a importância da mulher e das diferenças culturais na construção de um novo estado no sul do Brasil.

Porém, para compreendermos como se deu o fenômeno da colonização no sul do país, para verificarmos os problemas e mudanças geradas por diferentes identidades culturais, para captarmos a importância da mulher alemã dentro de um processo de evolução da mulher sulina e averiguarmos, por fim, como esses acontecimentos apresentam-se ao longo do relato literário de Charles Kiefer, precisamos conhecer, primeiramente: os motivos que levaram os alemães a emigrarem para o Brasil, assim como os interesses deste país em “abrir suas portas” para os estrangeiros oriundos da Alemanha; de que forma o país os acolheu; como ocorreu a fundação da primeira colônia em solo brasileiro; quais foram as principais dificuldades enfrentadas pelos imigrantes e como foi a aceitação e a vida dos mesmos na nova terra. Todas essas questões a respeito da colonização no sul do Brasil serão discutidas ao longo deste capítulo para que, mais adiante, a análise do romance *A face do abismo* possa estar mais próxima da realidade vivida nas colônias alemãs.

Os imigrantes alemães no Brasil

Denominamos imigrante toda a pessoa que entra em um outro país para nele se estabelecer e, na maioria das vezes, o que gera essa mudança são fatores econômicos, políticos e sociais. Mas um imigrante não é só uma pessoa que se desloca de um lugar ao outro em busca de melhores condições de vida. A imigração “se constitui na transição de indivíduos, ou de grupos, de uma sociedade a outra”³ e esse indivíduo não é simplesmente uma pessoa, ele é “alguém que traz consigo toda uma bagagem cultural, social, e experiências de formas de produção diferentes, enfim, uma sociedade determinada.”⁴

Nesse processo de imigração encontra-se também o colono. E há uma diferença entre imigrar e colonizar. O termo imigrante é usado para designar a pessoa que sai do seu país de origem para trabalhar em outro. Já o colono tem a finalidade não só de trabalhar, mas também de povoar, ocupar terras desabitadas e formar colônias estrangeiras dentro de um outro país. Para compreendermos esse processo migratório e o que aconteceu com o imigrante e o colono no Brasil, devemos observar o que se passava na Alemanha do início da imigração.

Na Alemanha, no início do século XIX, houve uma revolução agrícola que teve como fator principal a abolição da estrutura feudal. O médio camponês foi beneficiado com essa reforma; já o pequeno camponês viu-se explorado, não tendo outra saída senão empregar-se e tornar-se assalariado, e seus filhos ainda teriam a pequena quantidade de terras que lhes restava de herança dividida entre os inúmeros irmãos. Em algumas regiões da Alemanha,

³ LANDO, Adair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. *A colonização alemã no Rio Grande do sul, uma interpretação sociológica*. Porto Alegre: Movimento, 1976. p. 60.

⁴ LANDO, Adair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. *Op. cit.*, p. 60.

“depois de cada colheita má (...) a fome forçava milhares de sitiantes alemães a emigrarem, tornando-os uma presa fácil de agentes estrangeiros.”⁵

Outro fator que contribuiu para a imigração alemã no Brasil foi o aumento demográfico na Alemanha, causado pela diminuição da mortalidade infantil gerada pela descoberta de vacinas e melhoria na alimentação. Fatores como a vacina contra varíola, a melhoria sanitária e o cultivo do milho e batata, que foram inseridos à dieta alimentar dos camponeses, contribuíram para o aumento populacional, uma vez que mais crianças sobreviviam aos primeiros anos de vida. Esse aumento de indivíduos nas famílias de baixa renda gerava mais miséria, não lhes restando assim outra alternativa a não ser migrar para outros países.

Já no Brasil do século XIX, o país se via, cada vez mais, forçado a abolir a escravidão. Assim, para a produção agrária, o país necessitava de mão-de-obra, e a imigração tornou-se a melhor opção, sendo este um dos motivos que fez com que o Brasil abrisse suas portas para o estrangeiro, tendo como “ponto de partida para o estabelecimento de imigrantes europeus (...) o decreto de 25 de novembro de 1808, de D. João VI, que permitiu aos estrangeiros o acesso à propriedade da terra.”⁶ Sendo assim, no século XIX, dois fatores foram determinantes para o início do processo migratório no Brasil, como observa Caio Prado Júnior.⁷ Um deles, de iniciativa oficial – e foi o que ocorreu no Rio Grande do Sul –, foi a ocupação de terras desabitadas e distantes das áreas de influência dos latifundiários, com a finalidade de proteger o território brasileiro no sul do país; o outro fator, de iniciativa particular mas estimulado pelo governo, visava a obtenção de braços

⁵ WILLEMS, Emilio. *Assimilação e populações marginais no Brasil*. São Paulo: Cia Nacional, 1940. p. 43.

⁶ SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. UNB: Brasília, 1990. p. 9.

⁷ PRADO Jr., Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

fortes e livres para a produção agrícola na substituição do trabalho escravo, principalmente na região sudeste.

A primeira colônia alemã no Brasil surgiu em 1818, no estado da Bahia, e foi chamada de Leopoldina, em homenagem à esposa de Dom Pedro II, mas obteve péssimos resultados. Isso fez com que as novas correntes migratórias fossem dirigidas para a região sul do país. São Paulo foi o próximo ponto de desembarque, e os imigrantes que lá chegaram tinham como principal finalidade substituir o trabalho escravo nas lavouras, principalmente nas de café. Seriam assalariados e participariam de um processo de parceria, pagavam ao “trabalho do colono com uma percentagem sobre a colheita”⁸, o que no princípio deu certo, mas que gerou descontentamento mais tarde, pois pagavam uma taxa menor ao colono, imigrante, do que o real valor pago pelo café.

Já mais ao sul do Brasil, como os imigrantes chegaram com a finalidade de colonizar a região, as condições oferecidas foram outras. Tiveram seu transporte financiado, ou pelo menos lhes foi prometido isso, formaram colônias, tiveram direito à exploração de terras menos povoadas e dedicaram-se à cultura de gêneros alimentícios. Este sistema de colonização não foi aplicado somente na Província do Rio Grande do Sul, mas foi somente lá que houve êxito. Em Santa Catarina e no Paraná encontram-se também colônias alemãs, mas essas são, na sua maioria, particulares.

O Governo Imperial prometia a cada família de colonos passagem paga, lotes de terras gratuitas (aproximadamente 77 hectares), ferramentas e sementes para o cultivo, bois, cavalos, liberdade de culto, isenção de impostos por dez anos, cidadania brasileira, subsídio financeiro nos dois primeiros anos. Mas isso eram apenas promessas. Os primeiros colonos

⁸ LANDO, Adair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. Op. cit., p. 24.

a chegar receberam boa parte do prometido, mas “já a segunda leva de imigrantes, que chegou também em 1824, encontrou sérios problemas, sendo o principal deles a inexistência de demarcação de suas terras.”⁹ Conforme o tempo passava, maior era o número de promessas não cumpridas.

O processo imigratório no Brasil sofreu oscilações. Houve um aumento significativo na entrada de imigrantes no período de 1881 a 1900, devido à Abolição da Escravatura, para suprir, como já mencionado, a mão-de-obra nas plantações de café. No período de 1940 a 1946, em função da Segunda Guerra Mundial, o número de imigrantes diminuiu muito, sofrendo novo aumento a partir de 1950, quando o processo migratório entra em sua fase final.

A partir da segunda metade do século XX, o Brasil passa a receber menos imigrantes, extinguindo tal atividade nesse período. Um dos principais fatores para essa mudança é o crescimento da população menos favorecida do norte do país que, devido à falta de recursos, começa a migrar para os grandes centros, como São Paulo, e assim substituem o serviço do imigrante nas lavouras e indústrias.

Os alemães no Rio Grande do Sul

A imigração ou colonização no Rio Grande do Sul teve início em 1824 com a chegada de trinta e oito¹⁰ imigrantes alemães à região denominada de Real Feitoria do Linho

⁹ Idem, *Ibidem*, p. 36.

¹⁰ Esse número não é exato, varia muito de uma fonte para outra. Essa cifra de 38 imigrantes é a usada por Jean Roche, em *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*, por este motivo será a utilizada.

Cânhamo¹¹, hoje São Leopoldo. Essa ação colonizadora, como já descrito, foi um processo promovido pelo governo imperial e pelo governo das províncias a fim de adquirir não só mão-de-obra para o trabalho agrícola, mas também população para povoar as terras desabitadas do sul, passíveis de ocupações.

No Rio Grande do Sul, a imigração alemã assumiu então o papel de colonização, pois sua principal finalidade foi tanto desenvolver o trabalho agrícola como também ocupar o solo e, assim, “garantir a posse e a exploração de regiões menos povoadas, conturbadas por questões de limites.”¹² Dessa forma, a Província ficaria mais protegida contra possíveis invasões espanholas, além de também recrutar elementos para formar um exército capaz de combater as tropas inimigas. Regina Zilberman, ao falar do processo de colonização no estado, relata-o como sendo o principal meio de desenvolvimento no sul do país. Sobre a colonização, ela afirma:

Vieram assim grupos de variada procedência, não para substituir o braço escravo, como ocorreu em São Paulo, mas para o trabalho agrícola e o estabelecimento de minifúndios, conferindo características peculiares ao fenômeno. A colonização converteu-se num dos principais tópicos da vida sulina, não apenas por explicar singularidades europeizantes que tomou a cultura e o *modus vivendi* locais, mas também por atestar uma modalidade original de formação histórica e funcionamento social.¹³

São Leopoldo foi a primeira colônia alemã do Rio Grande do Sul e, devido às condições oferecidas pelo governo imperial e pelo governo provincial, foi uma das que

¹¹ A Real Feitoria do Linho Cânhamo era um estabelecimento governamental destinado à produção de linho cânhamo utilizado para navegação. Essa produção era realizada por mão-de-obra escrava. A produção fracassou e foi transferida para o Rincão do Cangussú, ficando alguns escravos na colônia.

¹² LANDO, Adair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. Op. cit., p. 22.

¹³ ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 110.

mais prosperou no estado. Quando foi fundada, a colônia era completamente isolada, ligada a Porto Alegre pelo Rio dos Sinos; a ligação que possuía com a capital pela mata coberta era de domínio dos índios.

Os imigrantes foram recrutados para trabalhos nas lavouras, mas muitos alemães que para o Brasil vieram tinham na Alemanha uma outra profissão. O que o país esperava era um estrangeiro que soubesse lidar com a terra, mas muitos alfaiates, carpinteiros, ferreiros, artesãos, imigraram junto com os agricultores. Isso ocorreu porque o Major Schaeffer, o primeiro agenciador que foi encarregado pelo governo brasileiro de recrutar colonos na Alemanha, “não soube escolher as pessoas mais indicadas, mas aceitou todos os que se apresentaram.”¹⁴ O Major ganhava por pessoa recrutada e a ele não importava o trabalho que seria realizado pelos colonos. Ao chegarem, muito mais dificuldades passaram estes para poderem adaptar-se ao novo modo de sustento, já que não tinham habilidade para a agricultura. Muitos, no entanto, conseguiram paralelamente plantar e executar sua verdadeira profissão.

Um dos motivos pelo qual o governo imperial dava preferência ao colono europeu era, como afirma Giralda Seyferth, o processo de branqueamento, que “foi pensado como forma de consolidar, no futuro, uma nação brasileira, de civilização latina e língua portuguesa, o que supõe uma perspectiva assimilacionista para a imigração, incluindo o caldeamento de raças.”¹⁵ A capacidade que se julgava terem os alemães para o trabalho agrícola e o casamento do Imperador Pedro I com a Princesa Dona Leopoldina, de origem germânica, foram outros fatores que contribuíram para a aceitação do imigrante alemão.

¹⁴ MULHALL, Michael G. *O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs*. Porto Alegre: Bels, 1974. p. 104.

¹⁵ SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000. p. 303.

Quando o primeiro grupo de colonos destinados ao sul do país chegaram à Real Feitoria, já se depararam com o primeiro problema. As terras tinham sido demarcadas às pressas e eles precisaram aguardar quase um ano para poderem assumir seu lote, ficando alojados na sede da antiga Feitoria do Linho Cânhamo. Quando a demarcação ficou pronta, os primeiros imigrantes a chegar ocuparam o núcleo, ficando os grupos que chegaram depois com as terras da encosta da serra.

Depois de estabelecidos, os colonos tiveram de se acostumar com novos hábitos. Na alimentação, aprenderam a consumir mandioca, chuchu, charque. Na agricultura, aprenderam a plantar de forma primitiva, limpando o solo através da queimada, prática esta que prejudicava a terra, plantavam as sementes em covas pequenas, esgotavam o solo. No início, sobreviviam com o que plantavam. Quando a produção aumentou, começaram a trocar os produtos excedentes entre si e, mais tarde, a trocar em outros mercados por mantimentos que eles não possuíam, como café, sal e pólvora. Dessa forma, nasceu o comércio em São Leopoldo.

Como já mencionado anteriormente, havia entre os colonos muitos artesãos. Na Alemanha, era costume as profissões passarem de pai para filho. Assim, quando aqui chegaram, além da agricultura, que era a prioridade dos colonos, muitos puderam exercer suas funções de tecelões, sapateiros, alfaiates, garantindo assim um ganho extra para a família. Mas, para o colono, a atividade mais importante era a agricultura; as outras tarefas ficavam em segundo plano.

Por volta de 1830, os colonos residentes em São Leopoldo agitaram-se, pois não recebiam as indenizações vencidas e tampouco para os primeiros dois anos. O que lhes

garantiu a sobrevivência foi a “solidariedade étnica.”¹⁶ Ajudavam-se, trocavam alimentos e trabalhavam em conjunto em benefício da colônia e, consecutivamente, de suas famílias.

Como já assinalado, “a legislação brasileira referente à imigração foi extremamente confusa.”¹⁷ Muitas foram as leis decretadas para resolver os problemas da colonização: a Lei Provincial 229, de 1851, que dizia respeito à demarcação da terra, grande problema encontrado pelos colonos alemães na sua chegada às colônias; a Lei Provincial 304, de 1854, que é considerada por Carlos Von Koseritz¹⁸ o marco legal da colonização no Brasil, estipulou a venda de terras e estabeleceu que a província doaria terras para espaços de servidão pública e o governo também se encarregaria de cobrir as despesas dos colonos até suas acomodações; a Lei Provincial 579, de 1864, referente à educação nas colônias alemãs, outro problema enfrentado pelos colonos de que trataremos mais adiante. Todas eram modificadas constantemente, vivendo e recebendo os benefícios cada grupo de colono, dependendo da época de entrada no país e sob uma determinada lei.

A população das colônias aumentou rapidamente. Os casais tinham muitos filhos e, como chegaram com as primeiras famílias em 1824 muitos jovens, em pouco tempo a população ampliou-se, sendo a sua maioria protestante. Em dez anos de fundação, a cidade teve registro de 1009 nascimentos.

As leis de imigração sob as quais viviam os colonos estavam sempre sendo modificadas, e a maior mudança ocorreu no tamanho dos lotes. Embora, no princípio, o colono recebesse em média 75 hectares de terra, a grande maioria dos colonos recebeu o

¹⁶ ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 99.

¹⁷ AMADO, Janaina. *Conflito social no Brasil: a revolta dos Muker*. São Paulo: Símbolo, 1978. p. 28.

¹⁸ Carlos Von Koseritz foi um soldado alemão que embarcou para o Brasil para lutar contra a Argentina. Depois da guerra, resolveu ficar. Era jornalista, professor, médico e, mais tarde, foi líder político dos imigrantes. Lutou durante muitos anos pela integração alemã. Foi em torno de sua pessoa que surgiram os primeiros conselheiros municipais. Foi ele o primeiro deputado alemão naturalizado não católico.

equivalente a 25 hectares. A abertura das colônias era precária. Quando escolhiam o local, instalavam a administração e os galpões que abrigavam os imigrantes, enquanto era feita a demarcação dos lotes. Raras foram as vezes em que os lotes já se achavam demarcados.

Mas a maior dificuldade enfrentada pelos alemães em sua chegada foi mesmo a falta de demarcação da terra e a demora para sua efetivação. Juntam-se a esses problemas o perigo dos índios e animais selvagens. Os índios eram os habitantes das terras, viviam livres e isolados. Com a colonização, o governo usava esta terra de mata fechada para instalação dos colonos. Os índios foram exterminados ou *empurrados* para áreas mais distantes, mas os colonos não se sentiam seguros, e os índios não raro realizavam ataques às colônias alemãs.¹⁹ Como essa área devastada era de mata, existia também um número grande de animais selvagens que estavam sempre ameaçando os colonos. As enchentes eram outra dificuldade que os imigrantes enfrentavam; a adaptação e o trabalho na terra não era fácil, pois as técnicas agrícolas empregadas na Alemanha nem sempre podiam ser utilizadas no solo brasileiro.

Outro problema enfrentado pelos colonos, e esse não se refere a sua chegada e também não foi passível de resolução pela lei, era o da integração entre “imigrante e sociedade de adoção.”²⁰ Os fatores citados como responsáveis por essa diferença eram questões de raça, língua, comportamento e valores sociais e culturais. Mas essas questões encobriam o verdadeiro motivo que gerava esse conflito, que era, sim, a diferença social. O imigrante, na verdade, sofria uma discriminação por parte da população que vivia no Rio Grande do Sul devido ao que realmente representava os colonos alemães, sua cultura, seus valores e tudo o que dizia respeito ao grupo que formavam e ao que ele representava para a

¹⁹ ROCHE, Jean. Op. cit., p. 97.

²⁰ LANDO, Adair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. Op. cit., p. 59.

sociedade. A partir do momento em que o colono desenvolve uma economia, seus interesses se tornam específicos. Ele passa então a fazer parte de uma classe social específica e seus interesses começam a contrapor-se com os interesses dos proprietários natos.

Um fator que serviu para integrar a sociedade sulina à colônia alemã foi a participação política. Antes das colônias atingirem uma importância econômica, essa integração não ocorreu; mas, a partir do momento em que as colônias prosperaram na economia estadual, os colonos tiveram acesso à “participação política”²¹, e é este fator que irá integrar sociedade e colônia. Um fato que contribuiu para despertar o interesse político foi o engajamento de soldados da Legião Alemã em 1848 durante as guerras do Prata. Esses soldados chegavam ao Brasil já com uma consciência política e acabaram despertando nos colonos do sul o interesse em participar dos assuntos relacionados ao governo. Os colonos foram alertados de que deveriam se unir em torno de seus ideais e defender suas idéias na nova pátria.

Koseritz foi um dos primeiros a alertar os alemães de que eles agora faziam parte dessa pátria e só conseguiriam conquistar o seu lugar com uma maior participação na vida política do país. Mas também chamava a atenção dos alemães para o fato de que eles deveriam continuar cultivando seus valores, difundi-los e, assim, contribuir para o enriquecimento da cultura brasileira.

Para dividir esse conhecimento, era necessária a educação. A educação proporciona ao indivíduo não só conhecimento mas a possibilidade de ascensão social à medida que o qualifica para o emprego, proporcionando-lhe uma melhora na qualidade de vida, uma

²¹ Idem, *Ibidem*, p. 61.

participação política e social ativa, e ainda serve como elemento integrador do indivíduo à sociedade em que vive.

Mas nas colônias alemãs no período inicial da colonização o governo não reconhecia a importância da educação na integração do imigrante à sociedade, e isso era percebido devido à deficiência do ensino público. Na São Leopoldo de 1854, já com trinta anos de colonização, havia somente três escolas públicas e vinte e sete particulares, organizadas pelos colonos e com aulas ministradas em alemão; somente uma delas ensinava o português.

Em 1864, a Lei Provincial já citada permitia o ensino da língua alemã nas colônias. Como ainda era pequeno o número de professores brasileiros que compreendessem a língua alemã para ensinar a língua portuguesa, eram admitidos professores que dominassem a língua dos colonos, e esses eram trazidos da Alemanha; “buscavam desta forma os alemães dar continuidade à cultura de origem, sem assimilar os valores e padrões de vida que a cultura de origem lhes oferecia.”²² Essa atitude de cultivar os costumes do país de origem dificultava, e muito, a vida do colono, já que ele procurava integração nas atividades econômica, política e social da província. Esse fato fez com que os colonos alemães se isolassem ainda mais da sociedade, uma vez que a língua e a cultura transmitidas ainda eram a da pátria de seus pais.

Tudo levava o colono a esse isolamento educacional. A localização das colônias, o tipo de atividade realizada por eles, a língua. Outro fator também era o custo que representava a educação para famílias que normalmente tinham muitos filhos. Além de gastos com material e roupas, ainda tinha a falta do filho ao lado do pai na lavoura por um

²² Idem, *Ibidem*, p. 41.

determinado período e o valor da mensalidade escolar, pois as escolas mantidas pelos colonos eram particulares.

A integração por meio da educação só começou a ocorrer no final do século XIX, com a entrada, progressiva, da escola pública nas colônias. Essa escola tinha uma vantagem sobre a escola alemã: era gratuita. Em consequência da integração que já acontecia no estado entre colonos e o restante da população brasileira, devido à economia e à política, essa propagação foi aceita com menos resistência pelos colonos, que viam na escola pública uma possibilidade de educação para os filhos, sem um custo elevado para a família de imigrantes.

As religiões dos imigrantes alemães nas colônias eram a católica e a protestante. Embora uma das vantagens que o governo oferecia aos imigrantes para sua vinda ao Brasil fosse a liberdade de culto, isso não aconteceu. Essa foi uma das promessas feitas aos colonos que não foram cumpridas. Chegando ao Brasil, um país católico, eles não teriam o direito de erguer templos para o culto, ficando os colonos protestantes obrigados a praticar o culto doméstico. Certamente, sua situação era a mais complicada, porque seus casamentos não eram reconhecidos e seus filhos tidos como ilegítimos. A Lei Provincial 225 tornou-se ambígua para os colonos, pois não os proibia de praticar seu culto, mas financiava somente a construção de templos católicos.

Essa atitude do governo acabou contribuindo para a formação do movimento religioso iniciado na colônia de São Leopoldo denominado de movimento *Mucker*²³. A revolta dos Muckers ocorreu no período entre 1868 e 1874, na colônia de São Leopoldo. O casal João Jorge Maurer e Jacobina Maurer reuniam a sua volta alguns imigrantes, a fim de auxiliá-los

²³ Mucker é uma palavra da língua alemã, usada como sinônimo de beato, fanático.

em questões de saúde. Com o passar do tempo, a procura pelo casal foi aumentando, e eles passaram a atuar como médicos, curandeiros. Ficaram conhecidos pelas curas que realizavam através de ervas, juntamente com as pregações de Jacobina, que realizava a leitura da *Palavra de Deus*.

Mais tarde, como Jacobina era uma figura muito carismática, o casal mudou sua tática e se dizia enviado de Deus para “fundar na Terra uma nova era.”²⁴ Mas o casal não liderava o movimento sozinho. Tinham a seu lado o pastor João Jorge Klein, que atuava como emissário de Deus e condutor de almas, mas nunca ficou devidamente provado seu envolvimento. Alguns afirmam que o pastor tentava intervir nas atitudes dos Muckers, sendo acusado e obrigado a lutar ao lado deles.

O casal aproveitava-se das crises de epilepsia e sonambulismo de Jacobina – o que acreditavam os seguidores serem momentos de contato com divindades – para ganhar mais adeptos às suas palavras. Os Muckers foram perseguidos pelas autoridades e presos, mas libertados por falta de provas. Em 1873, ocorreram na colônia muitos incidentes, sendo os Muckers responsabilizados; em 1874, os adeptos, já transtornados, realizaram um ataque contra seus adversários. O exército interviu, os rebeldes resistiram e foram mortos os líderes e a grande maioria, o restante sendo condenado a penas altas.

Esse movimento Mucker é descrito a partir de duas hipóteses. A primeira é a que designa o movimento dos Muckers como um fanatismo religioso, pois tratava-se, como já citado, de moradores de uma certa região que aderiram cegamente ao culto promovido pelo casal Maurer – que praticava curas através de ervas e da leitura da Bíblia – e que levaram a prática do culto às últimas conseqüências.

²⁴ AMADO, Janaina. Op. cit., p. 18.

Outra hipótese sobre o movimento, e a mais provável devido aos fatos ocorridos na época, é de que a revolta não ocorreu apenas por motivos religiosos ou fanatismo, como chamam alguns, e sim em resposta a muitos fatores que ocorriam na colônia naquele período. Embora na contratação dos imigrantes lhes fosse assegurado o direito de culto, a constituição brasileira não favorecia outro culto que não fosse o católico. Como a maioria dos imigrantes era protestante, acabou por ficar sem assistência religiosa. Além disso, o colono estava entregue ao completo abandono, em condições precárias e sem educação, sem médicos, o que contribuiu para a procura do curandeirismo. A desigualdade de direitos entre colonos e luso-brasileiros e o não cumprimento das promessas feitas aos colonos em relação às terras, entre outros fatores, causaram uma insatisfação coletiva e fizeram com que os colonos se rebelassem, contribuindo assim para impulsionar uma agitação.

O movimento messiânico, que tem como característica a pregação de um mundo melhor através de um líder, nesse caso uma líder, Jacobina, é sempre considerado revolucionário, pois é contrário à situação atual dos seguidores. O líder tem o poder, perante os seguidores, de modificar a situação causadora da insatisfação. O líder convoca a todos a participar juntos das transformações necessárias e os adeptos acabam distanciando-se da realidade. É nesta fase que o grupo deixa o espaço privado para tornar-se um perigo à sociedade. Com a falta de assistência religiosa, os colonos voltaram-se para a crença em Jacobina e nos seus poderes sobrenaturais.

Com relação ao culto dos protestantes nas colônias, mais tarde, quando ele foi aceito, os seguidores se dividiram em dois grupos. Um ficou conhecido como sínodo Missouri, que tinha uma ligação com a igreja Luterana americana e que procurava lutar contra o

germanismo²⁵ nas colônias; o outro, conhecido como Sínodo Rio-Grandense, que era ligado à igreja Luterana alemã e, por sua vez, defendia o germanismo.²⁶

Se, na religião, o modo de agir e de lidar com os valores diferenciavam um do outro e ainda as colônias entre si, em algo havia consenso: a família era a base de tudo. Elas se auxiliavam, dividiam as tarefas. A taxa de natalidade era alta. Os jovens casavam-se cedo e tinham muitos filhos. Os namoros não eram muito vigiados, as moças tinham liberdade para escolher os maridos, podiam sair sozinhas, ir a bailes e festas. Esse fato fez com que São Leopoldo fosse, quase toda, parente entre si. O homem ocupava a posição principal dentro da família, mas a mulher detinha um lugar que lhe concedia alguns direitos. Homens e mulheres trabalhavam muito. As velhas cuidavam da casa e da comida, os velhos cuidavam do jardim e consertavam objetos, as crianças maiores cuidavam das menores.

As mulheres nos núcleos tipicamente coloniais possuíam uma postura diferenciada das demais que viviam na capital do estado sulino ou em núcleos urbanos, pelo menos no que se refere ao seu papel na família. A elas era permitido participar de práticas consideradas masculinas, como o clube de tiros, além de poderem expressar mais freqüentemente suas idéias na participação da casa em relação à compra de terras, mantimentos e também em suas prioridades.

Além disso, existem também registrados em documentos relatos de esposas de origem alemã que acompanhavam os maridos para as novas colônias a contragosto, e nestes casos elas opinavam, discutiam e questionavam os atos dos maridos, atitude essa a que as

²⁵ Germanismo é a tradução da palavra alemã “Deutschtum” e designa o conjunto de alemães e descendentes, mas também pode ser entendido como uma prática de defesa da população de origem alemã.

²⁶ Jean Roche, em *A colonização alemã no Rio Grande do Sul*, ao discutir a religião nas colônias alemãs, apresenta uma explicação sobre o protestantismo e a diferenciação que há entre os sínodos no Rio Grande do Sul, contrapondo o Rio-Grandense ao Missouri.

mulheres gaúchas e de outras origens, que viviam no Rio Grande do Sul, não estavam habituadas. As mulheres, também na cultura alemã, participavam ativamente da economia da casa e das decisões tomadas por seus maridos.

Eram também companheiras dos homens para os trabalhos na lavoura. Elas semeavam, plantavam, colhiam e capinavam junto aos homens. Também ordenhavam as vacas, cuidavam do pomar, limpavam a casa, cuidavam dos filhos, cozinhavam, costuravam e delas provinha a educação dos filhos.²⁷ Eram “trabalhadeiras e econômicas.” Na cultura alemã, a mulher possuía uma postura diferente das demais mulheres que viviam no estado sulino. Esse hábito lhes era ensinado em casa, através dos costumes germânicos que passavam de mãe para filha; mas, com a transferência dessas mulheres para os centros urbanos, a mulher perde um pouco a sua importância no papel que desempenhava na família.²⁸

Saindo do núcleo da colônia e olhando a História do Rio Grande do Sul no seu conjunto, observamos que todo o povo sofreu com as muitas guerras ocorridas na região. E no que se refere à guerra, a Revolução Farroupilha foi a que mais prejudicou o projeto migratório no sul do país; por outro lado, ajudou São Leopoldo no seu desenvolvimento econômico. Quando o estado sulino estava em guerra, era São Leopoldo que abastecia a cidade de Porto Alegre e arredores.

Com base no que foi visto até aqui, em relação à presença dos alemães no Rio Grande do Sul, não se pode duvidar da capacidade de luta desse povo. Diante dos conflitos, como a guerra contra o Uruguai, a Revolução Farroupilha e a Guerra do Paraguai, os alemães se

²⁷ FLORES, Hilda A. Hübner. *Regionalismo sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996. p. 45.

²⁸ MAYRER, Marlise Regina. *Apesar de ser mulher... um estudo da participação feminina na história de Novo Hamburgo*. São Leopoldo, 1992. Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade do vale do Rio dos Sinos, 1992. p. 18.

armaram, como bons brasileiros. E há registros que provam que sempre estiveram presentes lutando pela sua nova pátria, tendo muitos colonos alemães, inclusive, recebido cargos de chefia.

Na Revolução Farroupilha, muitos teuto-brasileiros combateram ao lado do governo ou dos revolucionários. Foi formado um batalhão de cem homens alemães que lutaram ao lado do governo, sendo uma companhia somente de soldados germânicos. A Guerra do Paraguai também contou com a força dos descendentes germânicos, muitos deixaram o Rio Grande para lutar “lado a lado com os patriotas que de todo o vasto território brasileiro tinham acorrido para se baterem pelo mesmo ideal.”²⁹

No que diz respeito ao relacionamento entre alemães e brasileiros, a população luso-brasileira muitas vezes condenava os colonos por seu isolamento, chamava-os de antidadãos brasileiros e os condenava por cultivar suas tradições e sua língua. É verdade que alguns filhos e netos de alemães continuavam a considerar-se como tais e não brasileiros, mas o que não era lembrado pela sociedade em geral, é que o próprio governo, muitas vezes, obrigava-os a isso, pois mantinham as colônias no maior isolamento e ainda não davam a elas a possibilidade de aprender a língua da pátria-mãe, o Brasil, uma vez que não investia na educação das colônias.

Mas um exemplo de que os alemães não eram tão antidadãos brasileiros assim é a maneira como eram vistos pelos conterrâneos recém-chegados da Alemanha. Houve muitas brigas entre os primeiros colonos e os que chegaram depois. Estes foram mal recebidos, enganados pelos mais antigos e ainda encontraram resistência para participar de associações. Questionando as atitudes dos alemães que aqui já viviam, um respondeu que

²⁹ PETRY, Leopoldo. *História da colonização alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermund & Co. 1936. p. 68.

“os nossos alemães imigrados há tempos já não são alemães, mas brasileiros.”³⁰ Os recém-chegados não conseguiam compreender como, em tão pouco tempo, seus compatriotas podiam ter mudado tanto a ponto de não se identificar mais como alemães.

No final do século XIX, houve uma preocupação por parte do governo e da sociedade em relação às colônias alemãs no Brasil, devido ao medo de criação de um Império Alemão. Esse fato vai gerar, no Brasil e principalmente no sul, a campanha contra os alemães denominada de “perigo alemão”³¹ e, no meio dos descendentes, um grande “ressentimento entre os colonos, cuja lealdade ao Governo Brasileiro permaneceu total, mesmo depois da proibição da imprensa em língua alemã e o fechamento das escolas particulares que ensinavam em alemão.”³²

Essa situação perdurará por quase quarenta anos, até a 1ª Guerra Mundial, quando a Alemanha é derrotada. Essa campanha contra os colonos tinha o apoio de outros países, como Inglaterra e França. É claro que o “perigo alemão” realmente existiu e muitos fatores, como o germanismo, o nazismo e o integralismo, contribuíram para aumentar essa incerteza entre a sociedade, só que este movimento ocorreu numa escala muito menor do que a divulgada.

No sul do Brasil, havia, de um lado, simpatizantes da Alemanha e, de outro, os antigermânicos, os quais:

[...] aplicavam indiscriminadamente sanções legais que a pressão social exigia: repressão a toda a colônia teuto-brasileira dentro dos parâmetros antigermânicos agora dominantes, com maior violência nos meios rurais onde eram todos pacíficos, leais, trabalhadores, sem nenhum interesse

³⁰ WILLEMS, Emílio. Apud AMADO, Janaina. Op. cit., p. 48.

³¹ GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1991. p. 16.

³² ROCHE, Jean. Op. cit., p. 715.

político-partidário, mas que, pela sua origem, tiveram a opinião pública jogada contra eles.³³

Houve casos de reservistas que deixaram o Brasil para voltar à Alemanha e lutar por ela, mas, quando nos referimos à população de origem germânica em geral, devemos analisar todos os casos e, neste em específico, “a maioria da população era silenciosa e a sua posição, via de regra, só pode ser inferida das entrelinhas daqueles que falaram ou a partir de outras fontes.”³⁴ O que ocorreu, então, na verdade, nas colônias alemãs não foi uma rejeição à pátria alemã em massa, porque muitos teuto-brasileiros aderiram à germanidade, mas muitos outros também não preservavam a língua germânica, casavam-se com pessoas de outras raças e não cultivavam totalmente sua cultura. Então, os ascendentes germânicos no país não compartilhavam todos de uma antichadania brasileira, tampouco faziam parte dessa culturação à pátria alemã.

Nos núcleos coloniais alemães, observava-se duas correntes: aqueles que se colocavam sempre numa posição de hóspedes do Brasil, considerando a Alemanha sua verdadeira pátria, e aqueles que, apesar de terem orgulho de sua ascendência, sentiam, ao se fixarem aqui, a necessidade de interessar-se e de participar ativamente da vida política nacional.³⁵

Essa situação de conflito entre brasileiros de origens diferentes se agravou muito nesse período. O mês de agosto do ano de 1942 foi o mais crítico da história, devido ao ataque de submarinos alemães a três navios brasileiros. Esse fato veio desencadear uma revolta contra os descendentes germânicos que viviam no Brasil, principalmente no sul do

³³ HENRIQSON, Marlene Therezinha Corrêa. *Um rio imita o Reno - história e ficção*. Porto Alegre, 1982. Dissertação de Mestrado em História – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. p. 24.

³⁴ GERTZ, René. Op. cit., p. 17.

³⁵ LANDO, Adair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. Op. cit., p. 63.

país. Nas ruas de Porto Alegre, casas comerciais foram depredadas, “mercadorias, como peças de fazendas, confecções, sapatos, brinquedos, material de escritório, máquinas de escrever, pastas e armários, cadeiras e uma infinidade de objetos ainda permaneciam intactos ou parcialmente destruídos pela onda de violência”³⁶, proprietários foram espancados, todos os atos eram suspeitos, todo descendente de alemães também, “bastava a pessoa possuir um nome ou sobrenome germânico ou, simplesmente, ter características louras e olhos claros, para transformar-se em um inimigo em potencial.”³⁷

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial vem acirrar ainda mais a relação entre brasileiros, descendentes e alemães. Muitos, no entanto, para mostrar seu patriotismo, colocaram-se à disposição do governo brasileiro, pois, tendo assumido o Brasil como pátria, sentiam-se traídos e dispostos a lutar pelo seu país.

Muitos acreditavam fielmente que Adolf Hitler pensava em fundar no sul do Brasil uma “nova Alemanha” e que já estava preparando isso há muito tempo, pois seria fácil dominar o sul, um estado mestiço. Mas a verdade é que a “Alemanha jamais reivindicou oficialmente a soberania sobre uma única parcela do Rio Grande do Sul ou do Brasil, e jamais se comportou como metrópole a respeito dos emigrados e seus descendentes.”³⁸

Muitos alemães que viviam em Porto Alegre, depois de terem suas casas comerciais destruídas e saqueadas, foram a público prestar esclarecimentos quanto a sua ascendência, afirmando que eram brasileiros e patriotas. Já os descendentes que trabalhavam em fábricas, comércios ou funções públicas viviam inseguros, não raras vezes perderam seus empregos por causa da sua origem germânica.

³⁶ DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Tempos de incerteza: a discriminação aos teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1995. p. 23.

³⁷ DILLENBURG, Sérgio Roberto. Op. cit., p. 15.

³⁸ ROCHE, Jean. Op. cit., p. 778.

Mesmo com a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, essa situação de desconforto entre a população duraria ainda algum tempo. Os descendentes continuaram sofrendo perseguições, agressões e todo o tipo de piadas ferinas envolvendo sua ascendência, sendo obrigados a suportar.

Houve então, nessa época, no Brasil e em especial no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, uma “campanha de nacionalização”: os jornais que circulavam nas colônias tiveram de publicar os seus artigos somente em língua portuguesa; a circulação de livros em língua alemã foi suspensa e clubes de cantos foram fechados. O governo tentou “erradicar a fórceps um problema, através da “campanha de nacionalização”, que sempre fora postergado pelos governos passados”³⁹, causando desconforto e sofrimento aos descendentes que viviam nos estados do sul do Brasil.

Quanto ao espírito nazista no período da II Guerra Mundial podemos dizer, como nos casos anteriores, que houve envolvimento e cultuação desse movimento por parte de alguns teuto-brasileiros, mas condenar e repelir toda uma sociedade de descendentes alemães que já tinha raízes no país e se posicionavam contra o movimento seria, no mínimo, injusto. Organizar a polícia para combater um movimento nazista denominado “quinta-coluna” era tarefa do governo, mas espalhar o terror e prender cidadãos integrantes de um movimento que na verdade não existiu, denomina-se no mínimo abuso de autoridade. Muitos foram os perseguidos durante esse período. Nos núcleos alemães, era proibido até mesmo falar a língua alemã.

Percebe-se, assim, que os imigrantes alemães que tanto lutaram e trabalharam pelo progresso do país, passando por inúmeras dificuldades na sua vinda e em sua chegada,

³⁹ DILLENBURG, Sérgio Roberto. Op. cit., p. 84.

foram desprezados por parte considerável da própria sociedade que os acolheu. Contudo, os imigrantes continuaram lutando para que seus descendentes, um dia, pudessem participar ativamente da sociedade de que, enfim, passaram a ser filhos também e, graças a essa luta, hoje já não se fala mais em um “sentimento ambíguo de, por um lado, chorar a saudade de uma pátria longínqua e mitificada e, por outro lado, considerar uma mera contingência rebaixada a vida brasileira.”⁴⁰

⁴⁰ FISCHER, Luís Augusto e GERTZ, René E. (orgs.). *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998. p. 8.

CAPÍTULO II

A IDENTIDADE CULTURAL EM A *FACE DO ABISMO*

Parece evidente que essas mudanças não aconteceram de maneira indolor e que a reflexão sobre o “afinal, quem somos nós?” persistia, mesmo que muitas vezes num nível bastante básico. Prova disso é que havia muitas histórias sobre o tema, especialmente aquela do alemão que, havendo emigrado, um dia lhe perguntaram se os filhos, nascidos no Brasil, seriam alemães ou brasileiros. E, ele responde, mortal: “Os filhotes de gata, que nascem dentro do forno, são gatos ou são biscoitos?”

Dinorá Hoeper⁴¹

A chegada dos 38 imigrantes alemães a São Leopoldo, em 1824, é um marco na transformação cultural do sul do país, uma vez que, como já posto, imigrar não é somente mudar-se de um local a outro, e sim o deslocamento de uma cultura para um outro espaço, com uma cultura já estabelecida.

Quando falamos em cultura, entramos em um outro campo de estudo que não será discutido neste trabalho; mas, para compreendermos essa questão de identidade cultural, necessitamos ao menos de um conceito de cultura. E, como lembra Raymond Williams⁴², o próprio conceito já passou por várias alterações de acordo com a época e os valores dados pela sociedade em questão. Para relacionar a cultura com identidade cultural, vamos vê-la

⁴¹HOEPER, Dinorá. A Europa que nós perdemos. In: FISCHER, Luís Augusto; GERTZ, René E. (orgs.). Op. cit., p. 49.

⁴² WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1992.

então como um conjunto de experiências humanas que envolve “desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda, e publicidade.”⁴³

Mas o que acontece ao indivíduo que realiza um deslocamento geográfico e que sofre essas diferenças culturais? E a sociedade de adoção, como se comporta perante a nova cultura ou um novo indivíduo? Qual é a verdadeira situação do imigrante? Existe uma forma de preservar intacta a cultura de um imigrante? Existe a assimilação só por parte de um grupo? Estas são algumas das questões que nos assaltam à primeira leitura, mas antes de tentarmos esclarecer tais questões, é necessário que tenhamos uma idéia do que é a identidade cultural e de como ela é pensada no mundo de hoje.

Para Stuart Hall, a *identidade cultural* vem sofrendo muitas e rápidas mudanças nos últimos tempos e isso se deve ao processo de globalização. Hall classifica a identidade através dos tempos, com base em três tipos de sujeito: sujeito do Iluminismo, voltado para si mesmo; sujeito sociológico, voltado para o mundo exterior; e o sujeito pós-moderno, que está mais próximo de nós, e nos dá idéia de identidades não unificadas por um “eu”, mas transformadas pelas representações culturais.⁴⁴

É essa cultura trazida pelos alemães e essa identidade que, aos poucos, se transforma e *transforma* a cultura já existente e que encontramos no romance *A face do abismo*, através das narrativas de festas, comidas, tradições, trato com a família, posição ocupada pela mulher dentro da casa. E são essas questões, esse modo de viver num “entre lugar” – como afirma Homi Bhabha, quando diz que a ligação entre diferentes culturas procura validar

⁴³ WILLIAMS, Raymond. Op. cit., p. 13.

⁴⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

esses hibridismos culturais que surgem em “momentos de transformação histórica”⁴⁵ – que observaremos ao longo deste capítulo.

A identidade cultural e a identidade étnica

Quando começamos a observar as questões que giram em torno da identidade cultural e observamos o deslocamento de um determinado grupo, faz-se necessário recordar Stuart Hall, quando ele aponta a existência de uma “crise de identidade”, ou seja, quando valores tidos como definidos entram em questionamento. Isso leva o sujeito a discutir a identidade cultural que possui como “um pertencimento”, que é o que ele traz de sua raça, cultura, língua, religião.

Não podemos esquecer também que esse conflito de identidade é um fato, mas a etnicidade e preservação da mesma entre os imigrantes é outra questão, e que antes dos descendentes alemães começarem a questionar “quem somos nós?”, seus ancestrais passaram por um processo de cultivo das origens germânicas.

A partir do deslocamento geográfico de um grupo com uma determinada “identidade cultural”, este passa a receber influência de outros grupos que o levam, com o passar do tempo, a incorporar novos costumes, distanciando-o cada vez mais de sua cultura original. Essa mistura de culturas diferentes vai gerar uma terceira cultura, fruto do entrecruzamento das duas em questão.

⁴⁵ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 21.

Giralda Seyferth diz que o Brasil é um país que possui um grande pluralismo étnico⁴⁶ e junto a esse grupo pode somar-se outros grupos menores de não-imigrantes que também sentem-se “diferentes”. Segundo a autora, os imigrantes mantêm uma ligação com sua cultura, e os fenômenos que chamamos de “aculturação” não impedem os imigrantes, ou descendentes, de preservar traços da etnicidade, mesmo estando estes integrados à sociedade a que pertencem. A idéia de nação dos imigrantes e descendentes está acima da idéia de Estado e do que ele representa:

A identidade étnica ou nacional é dada pela origem e atualizada através de certos elementos culturais considerados importantes: a língua materna, a capacidade de trabalho, o conhecimento do folclore alemão, a participação nas atividades das associações, etc. A idéia de uma nação está acima do Estado e não se confunde com ele, nada tem a ver com a concepção brasileira de nacionalismo, traduzida pela frase “quem nasce no Brasil é brasileiro”. No caso do “germanismo” concebido pelos teuto-brasileiros, quem nasce no Brasil é brasileiro, mas se tem origem alemã é também alemão no sentido nacional.⁴⁷

Os imigrantes – objeto analisado nessa questão de deslocamento cultural a que estamos nos referindo –, por mais distantes que estejam da sociedade de origem, conseguem guardar consigo alguma “forma de identificação étnica”⁴⁸, por mais que haja uma absorção da cultura local, mas a distância da terra natal acaba fazendo com que ocorra a formação de uma cultura híbrida.

⁴⁶ O termo correto é “estrutura pluralista”, e não é de Seyferth e sim de Eisenstadt, e refere-se a uma sociedade composta por diferentes grupos étnicos de imigrantes e que mantêm um certo grau de identidade separada. Seyferth usa o exemplo de Eisenstadt e aplica-o no processo de construção de identidades no Brasil

⁴⁷ SEYFERTH, Giralda. Op. cit. nota 6, p. 85.

⁴⁸ Idem, Ibidem, p 79.

Para Hall, as *identidades* estão em crise e estão constantemente sendo reformuladas, dando início a outras identidades. Questões como o hibridismo cultural causado pela redução do espaço temporal e a migração, são fatores fundamentais para a reformulação constante da identidade e também para o surgimento de novas. No passado, características culturais, etnia, raça, nacionalidade, gênero e sexualidade forneciam ao indivíduo uma determinação sólida do seu lugar no mundo, do seu “eu”. Hoje, essas características não classificam mais um indivíduo, que pode possuir várias identidades ou mudar ao longo do tempo ou ainda conforme o espaço / tempo em que se encontra. “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.”⁴⁹

A identidade de um indivíduo pode mudar de acordo com os valores em questão, também podendo um único indivíduo possuir “várias identidades”, aproximar-se de vários grupos e assemelhar-se a indivíduos de classes, raças, etnias, política, religião, etc. diferentes, conforme seu conceito formulado sobre identidade, e esse, por sua vez pode cruzar-se ou deslocar-se mutuamente.⁵⁰

Logo, a identidade cultural, que julgávamos concreta e definida, está em crise. E esse processo de “crise de identidade”, como já foi dito, vem à tona quando algo que se tinha como definitivo entra em questionamento. No princípio da colonização no sul do Brasil, podemos dizer que não houve uma “crise de identidade”, porque os alemães sabiam quem eram, de onde vinham e, quando no Brasil chegaram, trouxeram com eles toda sua cultura. Além disso, como viviam isolados, era mais fácil preservar suas raízes. Mas, com o passar do tempo, embora os descendentes fossem filhos e netos de alemães, começaram a

⁴⁹ HALL, Stuart. Op. cit., p. 13.

⁵⁰ Idem, Ibidem p. 20.

questionar sua nacionalidade, uma vez que nasceram no Brasil e, devido ao desenvolvimento da sociedade, acabavam entrando em contato com a cultura local.

Esses brasileiros, filhos de alemães que vieram para o Brasil, estão diretamente envolvidos com o problema de uma identidade cultural, já que vivenciam o fato de pertencerem a “dois” lugares, possuírem “duas” identidades. Tal é a questão que abordaremos neste capítulo. Os filhos dos imigrantes alemães, personagens do romance *A face do abismo*, estão diretamente relacionados com a questão da identidade cultural; mas podemos também discutir a questão sob uma perspectiva utilizada por Benedict Anderson⁵¹, que define esse problema como sendo de “identidade nacional”⁵², uma vez que o conflito de identidade está relacionado diretamente com a questão da nacionalidade.

Anderson usa o termo “comunidade imaginada” para designar o sistema de laços imaginários que unem pessoas em torno da mesma cultura. Para Anderson, nação “é uma comunidade de política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana.”⁵³ Ele a classifica como imaginada porque os membros da nação não se conhecem, por menor que ela seja, mas têm a idéia de que fazem parte de um mesmo grupo, têm a idéia de que vivem em comunhão. Sendo assim, a nação para Anderson é imaginada e limitada.

Os alemães, ao chegarem ao Brasil, acabaram conservando essa idéia de “comunidade imaginada”, uma vez que se organizavam em grupos fechados, primeiramente pelo fator da língua diferente que falavam. Segundo Anderson, a nação foi, desde seu início, concebida

⁵¹ ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

⁵² Identidade nacional é um termo usado para designar a idéia de “comunidade imaginada” de Benedict Anderson, que visa a aglomeração de pessoas de uma mesma nação ou com os mesmos ideais.

⁵³ ANDERSON, Benedict. Op. cit., p. 14.

pela língua e qualquer um pode ser convidado a entrar nessa comunidade imaginada.⁵⁴ Outro fator que contribuiu para essa formação no Rio Grande do Sul foi também a localização das colônias, completamente isoladas, conservando o colono à parte da cultura local. Os alemães cultivaram alguns dos produtos que tinham o hábito de cultivar na Alemanha e criaram, assim, um espaço “germânico” em meio a um outro contexto cultural, plantando o que costumavam plantar na Alemanha, construindo com a mesma arquitetura de lá, festejando as mesmas datas alemãs.

Já a personagem do romance *A face do abismo*, José Tarquino, é quem primeiro sofre as conseqüências dessa comunidade imaginada. Filho de uma índia e um tropeiro, tem a pele escura e não faz parte do universo imaginário criado pelos colonos. Dessa forma, é diferente, e não faz parte da comunidade em questão. Era um homem forte, exterminava os índios, mas não conseguia romper as barreiras culturais que o separavam dos alemães; com o passar do tempo, no entanto, acabou “sendo convidado” a fazer parte desta comunidade.

Ao longo da rua principal distribuíam-se as doze residências dos colonos e mais a sua e a de seus empregados, afastadas do núcleo central, pois ainda não fora admitido totalmente pela comunidade. Olhavam-no sestrosos, evitavam-no. Esperavam, ansiosos, que juntasse as suas coisas e os seus homens e partisse, mas nenhum jamais tivera suficiente coragem para expressá-lo. José Tarquino tentava integrar-se, convidava os alemães para caçadas e pescarias, rodadas de carteados e churrascos, ensinava-lhes coisas, esforçava-se por aprender a língua alemã.⁵⁵

Por outro lado, se os alemães formavam um grupo fechado, quase não permitindo a entrada de descendentes de outras raças, a imagem do gaúcho, sua representação

⁵⁴ Idem, *Ibidem*, p. 159.

⁵⁵ KIEFER, Charles. *A face do abismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. p. 33. Doravante, as referências do romance serão feitas, para efeito de simplificação, da seguinte maneira: FA.

“temida”⁵⁶, também influenciava e inibia os alemães, que reconheciam em José Tarquino um indivíduo de outro grupo, com uma identidade distinta, e respeitavam essa imagem.

[...] aceitaram a sugestão de José Tarquino Rosas para o nome do lugar porque San Martin lembrava-lhes o líder da Reforma, Martinho Lutero. Sim, talvez o tivessem feito por medo, a voz do homem era potente e impunha respeito além de que as armas usadas contra os índios ainda fumegavam.⁵⁷

A língua, afirma Anderson, para essas comunidades é algo muito forte, qualquer que seja a língua que a história tenha feito sua língua materna. Por meio dessa língua que se recebe no colo da mãe e se abandona apenas no túmulo, reconstituem-se os passados, imaginam-se solidariedades, sonham-se futuros.⁵⁸ Os membros dessa comunidade imaginada jamais se conhecerão, mas a ligação que existe entre eles (imaginada), por fazerem parte de uma mesma sociedade, permite-lhes até mesmo matar e morrer por ela, despertando em seus integrantes um sentimento de “companheirismo profundo e horizontal.”⁵⁹

A etnicidade pode então ser expressa pela língua, e não só pela fala, mais ainda “através da palavra escrita.”⁶⁰ Em meio a essa cultura deslocada, a língua materna, ainda hoje, é utilizada em alguns meios de descendentes em todo o país. Dificilmente encontramos descendentes que não falam o português, mas o bilingüismo ainda é muito

⁵⁶ Uso o termo “temida” porque o mito do gaúcho é muito forte não só na literatura como também na maneira como eram vistos pelos outros integrantes da sociedade. Regina Zilberman relata como era visto o homem gaúcho pelos demais e como sua representação era temida. A coragem e a disponibilidade para a luta eram suas características marcantes. Suas andanças pelas revoluções fazem do cavalo não só um companheiro inseparável como parte integrante de sua figura. ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: LP&M, 1985.

⁵⁷ FA, p. 25.

⁵⁸ ANDERSON, Benedict. Op. cit., p. 168.

⁵⁹ Idem, Ibidem, p. 16.

⁶⁰ SEYFERTH, Giralda. Op. cit., p. 82.

freqüente em meio de imigrantes, e não só alemães. Nas cidades do interior, as famílias conservam entre si alguns dialetos já modificados pela “língua brasileira”.

Muitas culturas foram modificadas pelo convívio com a cultura do país de adoção, criando, assim, através do hibridismo cultural, uma terceira possibilidade, uma nova cultura. Afirma Hall que, para algumas pessoas, “o hibridismo e o sincretismo – a fusão entre diferentes tradições culturais – são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado.”⁶¹ Para outras, essa fusão pode ser perigosa, porque a “mistura” ou “fusão” pode desagradar uma ou ambas as culturas envolvidas.

A conservação da identidade alemã no sul do Brasil, como já mencionado, foi fácil, de certa forma, pois devido ao isolamento em que viviam os primeiros colonos não ficava difícil preservar os costumes e a língua sem a interferência do colonizador. Com a Segunda Guerra Mundial e a imposição da nacionalidade, os alemães sofreram uma pressão e obrigaram-se a aceitar a cultura imposta, mas, nas colônias, no interior do estado, essa cultura já estava sendo modificada pelo contato sutil dos imigrantes com os brasileiros desde a sua chegada, contato este que já havia modificado alguns costumes alemães, como, na lavoura, a prática da queimada e, nos hábitos alimentares, o chimarrão.

No sul do Brasil, a identidade foi construída a partir do hibridismo cultural entre brasileiros, lusos e alemães que lá chegaram. Posteriormente, juntaram-se a eles italianos, judeus e outros grupos que imigraram em menor número. Essa nova identidade não é “integralmente” nenhuma das identidades originais deslocadas, mas resgata as duas (alemã e brasileira, no caso) ao mesmo tempo. Essa nova cultura nasce, na maioria das vezes, a

⁶¹ HALL, Stuart. Op. cit., p. 91.

partir de relações conflituosas, o que podemos relacionar com a questão da colonização no Rio Grande do Sul.

No romance *A face do abismo*, a representação de uma identidade híbrida ocorre através da união de José Tarquino, mestiço, e Herta, alemã. O filho do casal, Gumercindo, dá início a uma “terceira cultura”, expressa de um modo claro na fusão dos tipos físicos, alemão e brasileiro, mas a personagem vai muito além de aparência: é a própria “nova cultura” que nasce com ele, uma nova identidade já que possui duas referências distintas e poderá mesclar mais facilmente as duas.

O alemão e a sociedade de adoção

O deslocamento dos alemães ocorreu, como já descrito, através do processo de imigração. A “mudança” de espaço geográfico não se deu de maneira forçada, uma vez que migraram por livre e espontânea vontade. Mas aconteceu, também, por falta de opções, já que, como mencionado, não havia, na Alemanha, condições para sua sobrevivência.

Ao cruzar o oceano, trouxeram na bagagem, além da esperança de melhores condições de vida e disposição para o trabalho, uma cultura distinta, com suas músicas, hábitos, arquitetura, comida, idioma; e também um outro tipo físico, e deste não podiam separar-se: cor dos olhos, cabelos, pele clara.

Ao chegarem na terra nova, eram subordinados aos administradores das colônias. A naturalização “era quase impossível, principalmente em face dos entraves burocráticos e de uma legislação que sempre foi desfavorável ao imigrante, qualquer que seja a época

focalizada”⁶², e o convívio com os brasileiros era difícil, pois os imigrantes eram vistos sempre como estrangeiros.

Os colonos viviam praticamente isolados nas colônias, era difícil a integração entre os brasileiros, que os viam como inferiores, pois estavam no país para “substituir o braço escravo.” Além disso, pertenciam a outro “grupo” com fortes marcas culturais, pois suas identidades estão além da “fronteira imaginária” que os cercam. O imigrante tornou-se uma figura estereotipada pelo brasileiro. Em contrapartida, o brasileiro tornou-se vítima também de preconceitos por parte dos imigrantes, que, segundo sua cultura, consideravam-nos preguiçosos.

O conflito de identidades se deu então primeiramente pelo uso da língua, já que esta foi o fator determinante na dificuldade de comunicação e integração entre o imigrante e a sociedade de adoção. Depois, o conflito de identidade alastrou-se para outras áreas, como educação, política e religião, porque as duas culturas dividiam o mesmo espaço físico, tentando uma se sobrepôr à outra. Outro fator que também contribuiu para esse conflito foi o desenvolvimento econômico das colônias, o que fez com que os colonos quisessem se envolver mais na economia do país.

Algumas instituições foram determinantes para a preservação cultural do alemão no sul do Brasil, como a escola, os clubes e a religião, uma vez que a própria sociedade brasileira impulsionou as colônias para essa prática, como já descrito anteriormente. A falta de preocupação do governo para com a educação dos colonos fez com que eles organizassem a própria educação das crianças. Esta, quando luterana, era totalmente voltada para o ensino do alemão, assim como também da geografia e história alemãs; já nas

⁶² SEYFERTH, Giralda. Op. cit., p. 80.

escolas organizadas pelos católicos, o ensino era bilíngüe, mas mesmo assim a ênfase era dada à cultura alemã. Isso só mudou em 1937, com o início do processo de nacionalização.⁶³

As associações beneficentes e culturais, outro meio de preservação cultural, como as de canto, música, teatro, etc., criadas pelos alemães, também vieram a intensificar a cultura germânica. Foram muito importantes no período de colonização, mas após a Segunda Guerra Mundial e o processo de nacionalização pelo qual o país passou, foram poucas as entidades recreativas que conseguiram retomar suas atividades; algumas reabriram depois de algum tempo com nomes brasileiros. A principal ligação com a terra de origem dava-se através da preservação da dança, da música e de atividades esportivas, além de comemorarem também as datas históricas alemãs.

A religião foi outro meio de preservação cultural entre os alemães e seus descendentes no Brasil. Ao imigrarem, trouxeram um novo culto, o luteranismo. O catolicismo, religião oficial do país, era o mesmo para os praticantes alemães e brasileiros. Já a igreja luterana teve maior importância na preservação cultural. Primeiro por ter sido introduzida no país através de imigrantes alemães; em segundo lugar, por incentivar a língua e os valores culturais entre os imigrantes, reafirmando assim a fé e a “germanidade”.

No ano de 1937, foram promulgadas leis que proibiam o ensino em língua estrangeira no país. Isso gerou o fechamento de muitas escolas alemãs, e o ensino público brasileiro não conseguiu absorver todos os alunos excedentes, gerando muitas críticas por parte dos

⁶³ Esse processo de nacionalização por que passaram os imigrantes no Brasil já foi explicado no primeiro capítulo.

alemães. Surgiram escolas clandestinas e, em 1939, o exército brasileiro ocupou a região da colonização, sendo os soldados considerados como “agentes da nacionalização.”⁶⁴

Outras medidas foram implantadas para o incentivo à cidadania brasileira, como o serviço militar, a comemoração de datas cívicas brasileiras e a distribuição de textos patrióticos. Em 1939, a população das colônias foi obrigada a falar somente a língua portuguesa; seus jornais não podiam mais circular e as sociedades recreativas e culturais foram fechadas.

A população teuto-brasileira vivenciou a nacionalização forçada como uma experiência traumática e, no período de maior hostilidade, durante a guerra, ocorreu um isolamento maior do grupo étnico, especialmente do seu segmento rural representado pelos colonos que não eram bilíngües.⁶⁵

Mas a conservação da identidade alemã no sul do Brasil no início da colonização, como já mencionado, foi de certa forma fácil, pois, devido ao isolamento em que viviam, não era necessário esforço para preservar os costumes e a língua sem a interferência do colonizador. Com a guerra e a imposição da nacionalidade, os alemães sofreram uma pressão e obrigaram-se a aceitar a cultura imposta. Os que mais sofreram com isso foram os imigrantes e descendentes que viviam nas colônias. Mas estes, embora conservassem a língua e os costumes, já possuíam em sua cultura traços da cultura brasileira, que já havia, sutilmente, modificado alguns costumes alemães.

Ao chegarem no país e trabalharem para o desenvolvimento econômico e agrícola, investiram em uma pátria que é, ao mesmo tempo, alemã e brasileira, e mantiveram sua

⁶⁴ SEYFERTH, Giralda. Op. cit., Nota 15. p. 308.

⁶⁵ Idem, Ibidem, p. 309.

solidariedade étnica. Dessa forma, o país tornou-se sua nova pátria, visto que para os alemães a pátria é o lar e pode ser “construída em qualquer lugar.”⁶⁶ A sociedade alemã da colônia é étnica e culturalmente teutônica, pois preserva os costumes, mas também brasileira, porque está no espaço físico brasileiro e porque todo o seu trabalho visa o desenvolvimento do país em que vivem.

Mesmo depois de quase dois séculos da chegada dos primeiros alemães ao Brasil, seus descendentes ainda preservam alguns hábitos que podem identificá-los como tal. Mesmo que involuntariamente, esses hábitos se dão diretamente pela influência da etnia; mesmo que o indivíduo esteja alheio a ela, não pode ser modificada, ela é a “maneira germânica de ser”⁶⁷ e está expressa na preferência por cores, na maneira de expor as idéias, na disciplina, no paladar, etc.

A identidade feminina

A identidade cultural não é fixa, está constantemente sendo reformulada. Muitas surgem do resultado da soma de diferenças culturais desenvolvidas por diferentes grupos de pessoas, e dentro desses grupos estão as mulheres, seres com uma identidade particular que está em constante transformação e que buscam um lugar que ainda não está conquistado.

⁶⁶ SEYFERTH, Giralda. Op. cit., Nota 6, p. 87.

⁶⁷ BONOW, Andréa Mostardeiro. Isso é coisa de alemão. In: FISCHER, Luís Augusto; GERTZ, René E.(orgs.). Op. cit., p. 63.

Jean Franco, em seu ensaio “Sentido e sensualidade: notas sobre a formação nacional”⁶⁸, ao questionar a posição ocupada pela mulher em uma “sociedade imaginada”, relata que sua importância estava diretamente relacionada com a maternidade e a preparação de novos homens para essa sociedade, ficando a mulher restrita ao espaço da casa, e ainda, ao ser-lhe atribuída uma imagem de “pureza”, era delimitado ainda mais o espaço feminino. A educação da mulher estava totalmente voltada para a criação de homens patriotas que defenderiam a nação.

Já Mary Louise Pratt também questiona o lugar ocupado pela mulher na história e afirma, em seu ensaio "Mulher, literatura e irmandade nacional"⁶⁹, que, desde a República Burguesa, no século XIX, a imagem da mulher como sujeito histórico, político e cultural é limitada e reprimida. Mas desde muito antes já podemos questionar a importância da figura feminina, que sempre esteve representada na história oficial sem voz ou foi simplesmente excluída de qualquer participação.

Dentro de um determinado campo de estudo como é o da identidade cultural e da busca por uma identidade ou espaço feminino, muitos são os aspectos que podem diferir dentro de um único conjunto. No campo da “identidade feminina”, encontramos muitas subdivisões, como raça, classe social e sexualidade. Não se pode generalizar a classe feminina dentro de um único aspecto, que seria o sexo. Estas “classes” diferem “o ser mulher” pela raça, etnia, classe e cultura e não só pela questão de gênero, criando assim outras identidades dentro do gênero. Kia Lilly Caldwell, em seu ensaio "Fronteiras da

⁶⁸ FRANCO, Jean. Sentido e sensualidade: notas sobre a formação nacional. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

⁶⁹ PRATT, Mary Louise. Mulher, literatura e irmandade nacional. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). Op. cit.

diferença: raça e mulher no Brasil"⁷⁰, discute essa “diferença” dentro de uma mesma identidade, que seria o gênero. “O movimento para desessencializar a questão de gênero e as identidades de mulheres resultou também num debate sobre o papel da “diferença” na teoria feminista.”⁷¹

Para demonstrar o que Caldwell questiona de diferentes identidades dentro de um mesmo gênero, podemos usar um exemplo citado por Linda Nicholson. Essa questão de diferenças dentro de um todo ela exemplifica com a imagem de um “porta-casacos”, onde o corpo “físico” é um cabide e este cabide pode sustentar diferentes peças e acessórios sem perder sua “função”.

Nicholson ainda defende a idéia de que gênero e sexo estão ligados diretamente aos conceitos da biologia. E a vantagem dessa relação é que ela permite às “feministas assumir tanto as diferenças entre as mulheres quanto o que elas têm em comum.”⁷² Sendo assim, pensando o corpo como um “porta-casacos”, podemos perceber as igualdades e diferenças que giram em torno da questão de “diferentes identidades” entre seres de um mesmo gênero. Podemos assim achar diferentes modos de ser feminino, em um corpo biologicamente feminino.

Passando da teoria à prática e exemplificando essa idéia de Nicholson que relaciona sexo e gênero, temos, no romance *A face do abismo*, a personagem Alberta Zeller, que, espelhando-se na figura materna de Milena Zeller e nos seus ensinamentos, discute a relação de gênero com a biologia, dizendo que “ser mulher ou homem é uma questão de

⁷⁰ CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n.2, 2/2000.

⁷¹ CALDWELL, Kia Lilly. Op. cit., p. 93.

⁷² NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: *Estudos Feministas*. Op. cit., p. 12.

palavras, a diferença está no nome, uma mulher é tão diferente de um homem quanto um sofá de uma poltrona.”⁷³

Ao questionar a idéia de sujeito humano, Liz Bondi cita os conceitos dados por Marx e Freud. Esses conceitos reforçam a opinião de que a identidade de um grupo não está geneticamente impressa em seu ser. Ela é estabelecida a partir de características externas.

[...] a identidade – nosso sentido de nós mesmos como indivíduos e como seres sociais – é construída através de processos estruturais, em vez de ser inata ou dada. Desta maneira, também colocaram necessariamente que não há atributos universais ou fixos na identidade humana, mas que a diferenciação e o movimento entre as identidades é característico das sociedades modernas.⁷⁴

Na cultura germânica, a mulher já possui um modo de ser diferente do modo conhecido pela mulher brasileira. E com o processo imigratório, ela desloca sua cultura para uma nova sociedade, causando um conflito com a sociedade que a recebe, além de ter sua identidade questionada, uma vez que está em contato com um outro modo de ser dentro do espaço social.

As mulheres estão constantemente, e desde muito tempo, buscando seu espaço e também a configuração de sua identidade. E, no caso das imigrantes alemãs, essa busca pela identidade ainda é mais complicada, pois, além dos questionamentos normais que envolvem o assunto, elas encontram-se deslocadas geograficamente. Suas “fronteiras imaginadas” não estão estabelecidas e, antes de voltarem-se para o “eu”, necessitam construir uma comunidade sólida para a sociedade imigrante.

⁷³ FA. p. 58.

⁷⁴ BONDI, Liz. Localizar as políticas de identidade. In: *Debate Feminista*, México, Ed. Especial, 1999. p. 249.

Para as alemãs que imigraram para o Brasil, foi difícil o convívio e a adaptação na “nova terra”. Acostumadas a desempenhar papéis importantes dentro do espaço familiar, depois do contato com a cultura local tinham de ocupar-se com outros assuntos e, com o passar do tempo e com o deslocamento da mulher do campo para o espaço urbano, foram perdendo a importância já adquirida.

Para as mulheres da geração de minhas avós, esse integrar-se talvez tenha sido uma tarefa particularmente difícil: acostumadas a um tipo de relação familiar com razoável grau de igualdade entre os dois sexos, muitas se viram relegadas a um papel mais do que secundário, não raro servil, dentro da sociedade gaúcha daquela época.⁷⁵

No romance *A face do abismo*, a mulher alemã que chegou na colônia demonstra possuir uma identidade já formulada e um espaço já adquirido, pois possuía uma relação de igualdade com o marido, como percebemos nessa passagem do romance: “Não via mal algum em tocar a harmônica para que os casais dançassem, a arte está acima dessas coisas, mas Maria Regina via e ameaçava matá-lo se aceitasse o emprego.”⁷⁶ Com o passar do tempo, no entanto, essa identidade é modificada pelo progresso e pelo convívio com outras culturas. As mulheres das novas gerações vivenciam conflitos e questionam essa identidade criada por suas ancestrais buscando formular uma outra identidade e conquistar uma posição, enfim, ter seu reconhecimento.

No romance de Kiefer, a mulher alemã está representada da forma como era vista pela sociedade no período da imigração no estado. Depois de algum tempo, a identidade

⁷⁵ HOEPER, Dinorá. Op. cit., p. 49.

⁷⁶ FA, p. 63.

germânica no sul do Brasil passou por um processo de dissolução devido ao contato com outras identidades.

As mulheres de *A face do abismo* são vistas como mulheres construtoras de um novo mundo, são mantenedoras de sua sociedade, trabalham e transformam o espaço em que vivem, dentro e fora do espaço da casa. O caminho, sem dúvida, ainda é longo, mas já foi dado o início no percurso rumo à conquista de uma identidade, não definitiva, mas com características mais definidas.

CAPÍTULO III

CONTEMPLANDO A FACE

No princípio, Deus criou o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

Gênesis⁷⁷

No *Livro do Gênesis*, a criação do mundo é apresentada através do surgimento da terra. Não havia nada, ou havia sim, havia água. Deus contemplava a face do abismo, do nada, e pairava sobre as águas. Então Deus criou o mundo. Daí se estabelece a analogia existente no romance *A face do abismo*, do escritor Charles Kiefer, onde a personagem José Tarquino, filho de uma índia guarani e um tropeiro uruguaio, é incumbido da missão de “brincar de Deus”, *limpando*⁷⁸ uma determinada região para o surgimento de uma nova cidade. Só que nessa terra, diferente da história bíblica da criação do mundo, já havia vida, pois os índios habitavam o citado lugar. Mas José Tarquino os mata, extermina aquela raça sem demonstrar culpa, mesmo sabendo que eles possuem o mesmo sangue seu. Para alguns alemães que vieram viver naquelas terras, *índio não tem alma*⁷⁹, e, sendo José Tarquino filho de uma índia, fica mais fácil compreender como ele pode eliminar sem culpa os índios de sua raça, pois entende-se que, por ser meio índio, ele também não possuía uma alma. E

⁷⁷ BIBLIA SAGRADA, *Livro do Gênesis* capítulo 1, versículo 1 e 2.

⁷⁸ Expressão usada no romance *A face do abismo* que designa a matança de índios e animais de uma determinada região para o estabelecimento de famílias.

⁷⁹ FA. p. 24.

assim, pelas mãos desse homem *desalmado*, inicia-se, para algumas famílias que ali chegaram, um novo mundo.

Nesse romance, um pouco da história da colonização alemã é contada através da vida da família Zeller, que representa, junto com José Tarquino, o centro da narrativa, onde outras histórias se entrecruzam para formar o romance e contar como se desenvolveram a ocupação do solo e a colonização no estado do Rio Grande do Sul.

No romance *A face do abismo*, os capítulos se alternam entre presente e passado e passado e futuro na voz de dois narradores que contam duas versões da história; o fio temporal é percebido na vida de José Tarquino Rosas, que é o fundador e também responsável pelo progresso da cidade. Um homem dúbio, que documenta com sua existência várias temáticas abordadas pelo escritor.

Parte da história é narrada por Alberta Zeller, filha de Milena Zeller – ou Frau Zeller, como é chamada pelos outros moradores do povoado. Ela é uma das personagens centrais no romance. Levando-se em conta o que foi descrito no primeiro capítulo, quando tratou-se da colonização alemã, pode-se dizer que Frau Zeller constitui-se como uma típica representante da mulher germânica: forte, determinada, que comanda a casa, cuja opinião sempre é ouvida e que também possui um forte domínio sobre a cidade, porque é uma benzedeira e parteira. Ela só assume uma outra postura, longe dessa figura imponente revelada pela personagem narradora, quando chamada pelo primeiro nome, Milena, modo como o narrador em terceira pessoa refere-se a ela para revelar seu relacionamento extraconjugal com José Tarquino. Essa é também a única representação de Milena Zeller como mulher, com sentimentos e desejos, já que sua descrição através da narração da filha Alberta sempre a retrata como uma mulher típica alemã estereotipada por nós: “se houve

paixão verdadeira na vida de Frau Zeller ninguém soube.”⁸⁰ Trabalhadora, impunha tanto em casa como fora dela ordem e disciplina. Dessa forma se desenvolve o romance, com personagens que contemplam, cada uma a sua maneira, a face do abismo e criam, assim, seu próprio mundo.

O romance *A face do abismo* tem como pano de fundo da sua narrativa a história da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Ainda aborda várias questões que estão relacionadas com a cultura, o confronto com os índios, a diferença entre as culturas luso-brasileira e alemã e, ainda, o objeto principal de estudo desta pesquisa: a figura feminina de origem germânica.

O romance apresenta grandes figuras femininas: Alberta Zeller, que narra parte da história; Milena Zeller, figura fundamental para a organização da cidade e para a observação do estereótipo feminino alemão; Herta Müller-Rosas, mulher determinada que enfrenta a cidade para se casar com um homem de outra raça, mostrando o entrecruzamento racial; Laura Jung-Rosas, jovem que questiona as diferenças sexuais e também os valores e imposições da igreja e casa-se com Gumercindo, mesmo não sendo esta a vontade da família.

Essa representação do feminino, em especial de origem germânica, é uma característica marcante não só nessa narrativa, como em várias outras obras do escritor Charles Kiefer, e é essa representação feminina diferenciada que analisaremos mais adiante, no decorrer deste trabalho.

⁸⁰ FA, p. 87.

Ainda outras questões são abordadas ao longo do romance, como o preconceito existente por parte de determinados alemães, mesmo depois de algumas gerações, para com os de outras raças.

Ainda que José Tarquino pintasse o corpo de branco, demudasse a cor dos negros olhos para o azul-celeste e a dos cabelos, barba e sobrancelhas para castanho-claro ou o vermelho-ruivo, ainda que falasse a língua alemã com perfeição, ainda assim não seria um deles porque simplesmente não tinha a alma branca.⁸¹

Questões que estão sendo discutidas atualmente, como posse de terras, religião, discriminação de gênero, entre outras, também estão presentes em todo o conjunto da obra do escritor.

Certa vez propus, na câmara, a criação de uma praça ajardinada com o nome de Laura. Os vereadores rejeitaram o projeto não porque ela cometera o “abominável pecado” do suicídio, como alegaram, mas simplesmente por ser mulher.⁸²

Como podemos observar no conjunto da obra de Charles Kiefer, a literatura não tem somente a função lúdica, ela é um instrumento usado pelo escritor para denunciar problemas sociais, como os já citados acima, comprovando que essas questões de ordem pública passam também pela arte.

A seguir, no desenvolvimento deste capítulo, trataremos um pouco da produção literária e da vida do escritor do romance, Charles Kiefer, faremos uma síntese do romance em estudo e observaremos como ocorre, em sua produção literária, essa construção de

⁸¹ FA, p. 46.

⁸² FA, p. 106.

personagem e do romance, já que o próprio autor afirma, em seu ensaio “Identidade étnica e produção cultural – a questão judaica”, que a sua identidade étnica ajuda-o a configurar sua produção cultural.

Charles Kiefer, um pouco de sua história

O escritor Charles Kiefer faz parte da geração de autores gaúchos que surgiram na década de 1980. Nasceu na cidade de Três de Maio, localizada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Uma cidade pequena, marcada pela colonização alemã com grande valorização dos costumes germânicos.

O autor desenvolveu desde cedo o gosto pela leitura, incentivado pelo avô Bernardo, que lia *Fausto* no original e contava ao neto. Aos doze anos, com o dinheiro de uma esperada viagem a Iraí, troca o passeio pelo seu primeiro livro: *Helena e O alienista*, de Machado de Assis, em um único volume, fato este que é relatado em uma de suas crônicas, na coletânea *O guardião da floresta*. O jovem torna-se um ávido leitor, e dentre suas preferências e influências literárias estão escritores como Machado, Flaubert, Sartre e Goethe.

Outra paixão do escritor é a música. O seu gosto musical é herança do pai Ademar. Quando mais jovem, Charles planejava ser músico, mas o gosto pela literatura acabou falando mais alto e, em 1970, incentivado pelos professores de português João Seno Bach e Valdir Darós, Charles Kiefer começa a escrever poemas, crônicas e contos para o jornal do Colégio Cardeal Pacelli. Anos mais tarde, publica, por conta própria, os livros *O Lírio do vale* (1977), *Vozes negras* (1978) e *Caminhos malditos* (1978), que são vendidos de bar em

bar. Na adolescência, trabalhou como redator-chefe do jornal *O Noroeste*, em Santa Rosa, auxiliar-datilógrafo do Centro Paulista de Psicologia, em São Paulo, e na cooperativa de sua cidade natal.

No ano de 1982, a Editora Mercado Aberto lançou a primeira novela do escritor, *Caminhando na chuva*, que se transformou em sucesso de público e crítica, sendo considerada altamente recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. A novela mostra, entre outras coisas, a inquietação da adolescência, e encontra-se atualmente na 16ª edição.

Em 1983, revela-se um hábil contador de histórias para crianças e adolescentes, publicando *Aventura no rio escuro*, novela infanto-juvenil. No ano seguinte, publicou *O pêndulo do relógio*, com o qual recebeu o prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, e a Menção Especial do Prêmio Guararapes, da União Brasileira de Escritores. Ainda em 1984, lançou *A dentadura postiça*, reunião de pequenos contos publicados em jornais e revistas desde 1978.

No ano de 1986, publicou *Valsa para Bruno Stein* (romance lançado pelo Círculo do Livro em 1991) e *Você viu meu pai por aí?*, novela infanto-juvenil, premiada também em 1987 como “altamente recomendável” pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil —FNLIJ. Em 1987, participou, durante 3 meses, do “International Writing Program” da Universidade de Iowa, nos EUA, e em 1988 publicou o romance *A face do abismo*, no qual se baseia esta pesquisa, que refere-se à saga da colonização alemã no noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

Posteriormente, em 1989, publica o livro de contos *Dedos de pianista*. Em 1991, o romance *Quem faz gemer a terra* foi indicado para o prêmio Jabuti. Nessa obra, Charles Kiefer se debruça sobre o polêmico tema dos colonos sem-terra, narrando um fato

“verídico” de um confronto entre colonos e policiais que ocorreu no centro da capital, Porto Alegre; no entanto, o texto procura retratar é a situação nos acampamentos, discutindo também a desagregação sócio-econômica da região do minifúndio sul-rio-grandense.

Em 1992, lançou *Um outro olhar*, livro de contos com o qual obteve, em 1993, o Prêmio Jabuti e o Prêmio Afonso Arinos. Em 1994, estreou como ensaísta (com *Mercúrio veste amarelo*, em que analisa a correspondência de Mário de Andrade) e poeta (com *Museu de coisas insignificantes*). No ano seguinte, publicou outro livro de ensaios, *Borges que amava Estela e outros duplos*, reunião de quatro ensaios sobre Borges, Poe, Shakespeare e Eliot.

O escritor, em 1996, tem outro livro premiado; dessa vez é o romance *Os ossos da noiva*, que recebeu o prêmio Octávio de Faria, da União Brasileira de Escritores. Em 1997, lança o volume de contos *O elo perdido & outras histórias*, que também recebeu indicação para o Prêmio Jabuti. Ainda no mesmo ano, reuniu suas crônicas anteriormente publicadas em jornais e revistas no volume *O guardião da floresta*. No ano seguinte, publicou *Antologia pessoal*, que recebeu mais um prêmio Jabuti. Em 1999, publicou uma antologia num livro que se chamou *Contos Escolares*. No mesmo ano, lançou *O poncho*, novela que o autor considera um de seus melhores trabalhos.

Charles Kiefer ainda tem, além destas publicações, muitos contos publicados desde 1978 em jornais e revistas do país e no exterior. Participou também de várias antologias e possui uma grande quantidade de ensaios e artigos publicados em jornais e revistas dentro e fora do Rio Grande do Sul.

Seu mais recente trabalho, *O escorpião da sexta-feira*, publicado em 2002, tem recebido inúmeros elogios da crítica, pois com ele o escritor estréia um novo estilo. Kiefer possui ainda alguns textos incluídos em livros didáticos e um bom número de traduções

realizadas e publicadas em livros, jornais e revistas.

Charles Kiefer, mesmo com os inúmeros compromissos que possui ministrando aulas, palestras e oficinas literárias e concluindo seu curso de doutorado na PUC/RS, continua a cada nova publicação sua, produzindo uma literatura cada vez com mais qualidade. Nas suas poucas horas de folga, divide seu tempo entre a literatura e Sofia, sua filha mais nova, e ainda se dedica a traduções de Borges, Benedetti, Gorki, entre outros.

A face do abismo

O romance *A face do abismo* conta, através de seus dois narradores, um em primeira pessoa e outro em terceira pessoa, a história da fundação, até o ano de 1985, da cidade ficcional de San Martin, surgida sobre uma *exterminada* aldeia guarani. Após 82 anos de existência, a região acabará destruída pelas águas de uma barragem que será erguida às margens do rio que a banha, o Uruguai. Alberta Zeller, um dos narradores da história, conta ao neto, na última noite na cidade antes da mesma ser invadida pelas águas, a história (que ela conhece) de como foi a sua fundação e seu desenvolvimento.

No ano de 1903, doze famílias, constituídas por filhos de imigrantes alemães que residiam na cidade de São Leopoldo, adquirem terras em um novo núcleo que está sendo fundado e, juntas, construirão uma nova localidade.

Depois de acontecer a *limpa* do terreno, feita pelo *bugreiro*⁸³ José Tarquino Rosas, que significava exterminar os índios habitantes daquele local, as doze famílias de colonos

⁸³ Bugreiro é a denominação da pessoa encarregada de exterminar os índios em um determinado local; eles “limpavam” o terreno.

alemães chegam ao novo povoado de San Martin, nome este escolhido por José Tarquino em homenagem, segundo afirmava, a um jesuíta que fora assassinado naquele local por índios; na verdade, o nome escolhido é o de seu pai, um tropeiro uruguaio, que nunca o reconheceu como filho. Assim, sobre esta mentira, inicia-se o novo povoado.

Após a escolha do nome, o *bugreiro* questiona-se a respeito das mentiras sobre as quais o mundo é construído. Essa reflexão de José Tarquino fará pensar também o leitor, já que o romance é narrado a partir de duas perspectivas. Uma é a de Alberta Zeller, que narra em primeira pessoa, contando a versão da história conhecida por ela seguindo uma linha cronológica, o que já não acontece com o outro narrador. A outra versão, contada em terceira pessoa, expõe a “verdadeira” história sobre a fundação da cidade, fazendo o leitor questionar-se sobre a veracidade das histórias por nós conhecidas.

Ao todo, chegaram no povoado 76 pessoas, contando os filhos das doze famílias de imigrantes. Já na queda da primeira árvore, morre um dos homens que fixariam residência naquele local, deixando a mulher, Herta Muller, e três filhos. Nesse dia, Frau Zeller resolve benzer as ferramentas dos homens, para não ocorrer mais nenhuma desgraça; a partir desse dia, fica sendo uma espécie de benzedeira ou curandeira, a quem todos respeitavam e recorriam para curar seus males.

O bugreiro José Tarquino, aos vinte e sete anos e cansado da vida de andanças e lutas, pois saíra de casa aos dezessete anos para lutar na revolução de 1893, resolveu então fixar residência no vilarejo, juntamente com três capatazes seus. Essa atitude desgostou os alemães que ali viviam e que esperavam que o homem cansasse da vida calma e seguisse viagem. Mas o homem resistiu e ficou, mesmo contra a vontade dos moradores, na cidade, montando nos fundos de sua casa uma serraria.

Um ano depois da fundação da cidade, na festa organizada por Frau Zeller, a viúva Herta Müller pôde tirar o luto que vestia pela morte do marido. Percebendo a hostilidade dos alemães para com José Tarquino e vendo nele a única possibilidade de sentir-se mulher novamente, diz a todos ter sido ela quem o convidou. Essa atitude desgosta os moradores da cidade, principalmente Frau Zeller, levando Alberta, durante sua narrativa, a questionar o destino da cidade se outra houvesse sido a atitude de Herta.

Meses depois, José Tarquino e Herta se casam. Em uma noite em que saíram os dois para buscar os filhos de Herta, algum morador ateou fogo na casa do casal. Apesar de tudo, José Tarquino nunca acusou ninguém e tampouco se incomodou com o fato, era um outro homem. Cuidava da casa, tratava bem a esposa e tinha uma devoção de pai para com os filhos do primeiro casamento de Herta. Começou então a ser aceito entre os alemães do povoado, com exceção de Frau Zeller, que tinha por ele um ódio profundo. Algum tempo depois, o casal tem um filho, Gumercindo Rosas. No seu nascimento, Herta Müller-Rosas foi vítima da febre puerperal, perdendo o domínio da mente e deixando o marido praticamente sozinho na criação de todos os seus filhos.

O tempo passa e a cidade se desenvolve rapidamente. Chegam famílias de outras regiões. Alguns anos mais tarde, José Tarquino torna-se amante de Milena Zeller, vivendo os dois um grande amor. No entanto, aos olhos dos outros moradores, os dois amantes se odiavam cada vez mais, trocando ofensas e provocações. Essa relação entre eles durou oito anos e só chegou ao fim porque o amante partiu, com mais dezenove homens, inclusive o marido de Milena, para a revolução de 23.⁸⁴

⁸⁴ A revolução de 1923 foi uma revolta política contra o 5º mandato consecutivo de Borges de Medeiros.

José Tarquino, dias antes de sua partida para a revolução, fica sabendo que Milena Zeller espera um filho seu, filho este que jamais soube sobre sua verdadeira filiação. Meses mais tarde, José Tarquino retorna à cidade trazendo a notícia da morte de Arthur Zeller em combate. Frau Zeller recebeu a notícia e o ex-amante, sem demonstrar nenhum sentimento; cuidou sozinha do sustento da família fazendo adivinhações; mergulhou em um silêncio profundo e passou o resto de sua vida silenciosa, fria e em luto.

A cidade cresce e, em 1928, Gumercindo Rosas casa-se com Laura Jung, uma descendente de alemães que vivia na cidade vizinha de Pau D'arco. A mãe da noiva muito resistiu ao casamento e só o aceitou porque Gumercindo também tinha ascendência alemã, logo seu sangue “não era tão impuro assim.”⁸⁵ Laura casa-se com seu grande amor, mas não é feliz, pois não pode ter filhos. Gumercido trata-a como empregada, sem carinho e amor, como se estivesse a mulher ali para servi-lo. Assim, o amor desaparece e a vida de Laura, que enfrentou a família para se casar com o *mestiço*, transforma-se em sofrimento.

Os anos passam e os primeiros moradores, fundadores da cidade, vão morrendo. Laura, anos depois do casamento, suicida-se. Gumercindo nunca consegue livrar-se da culpa pela morte da esposa. Ele é nomeado intendente no ano de 1968. Alberta Zeller é eleita vereadora em 1979, a primeira mulher a ocupar o cargo em San Martín e também a mais votada.

No ano de 1979, Gumercindo Rosas, filho de José Tarquino e Herta Müller-Rosas, lê em praça pública o ofício do governador anunciando que a cidade será submersa por uma barragem que será construída às margens do rio Uruguai e que os moradores serão transferidos para a cidade vizinha de Pau D'arco.

⁸⁵ FA, p. 16.

Antônio Becker, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e que luta por manter a cidade, após a leitura do ofício em praça pública, é morto em um confronto com a polícia. Na mesma noite, Alberta Zeller é presa por discursar na praça contra a atitude violenta da polícia e também contra a construção da barragem.

Gumercindo morre, depois de anos de sofrimento sendo assombrado por “seus fantasmas”, e Alberta Zeller transfere-se juntamente com os outros moradores para a cidade de Pau D’arco; mas antes, na última noite em San Martin, narra ao neto a sua versão sobre a história da cidade.

A face do abismo: texto e contexto

Antonio Candido, no ensaio *A personagem do romance*,⁸⁶ afirma que em um romance dois fatos são fundamentais e estão interligados: “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo.”⁸⁷ Portanto, para percebermos na obra literária de Charles Kiefer como o contexto social se desenvolve dentro do romance, precisamos perceber como esses dois elementos estão construídos em seu texto.

Segundo Candido, o romance é a mais importante forma de expressão literária no mundo moderno. Esta afirmativa explica o motivo pelo qual a literatura esteve, cada vez mais, abordando temáticas discutidas em sociedade. Candido afirma que é preciso integrá-las. Já no século XIX, a obra literária chegou a ser vista como chave para compreender a

⁸⁶ CANDIDO, Antonio. *A personagem do romance*. In: _____. et. al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

⁸⁷ CANDIDO, Antonio. Op. cit., p. 53.

sociedade; portanto hoje, para avaliarmos uma obra literária, é preciso integrar obra e sociedade, “só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”⁸⁸, já que esta faz parte da vida de todos nós e automaticamente se torna interna ao texto.

Devido à integração entre o ficcional e o “real”, torna-se comum a confusão entre a História e a Ficção, mas o que não se pode esquecer é que, mesmo que a obra retrate a “realidade” de uma determinada sociedade, “mesmo que ela conte histórias de alemães”, ela não passa de ficção. No entanto, a sociedade retratada no texto desempenha um papel fundamental, tornando-se um importante elemento interno.

Quando refere-se à criação de personagens, Candido relata várias formas de criação, uma delas é a cópia do real, mas Candido nos alerta para esse tipo de criação de personagens afirmando que mesmo na tentativa de transportá-las da vida “real” para a ficção, esta personagem será sempre ficcional, pois é impossível de se transplantar um ser real para a ficção, uma vez que o escritor terá de atribuir a esse ser pensamentos e sentimentos desconhecidos por ele.

Edward Forster⁸⁹, em seu livro *Aspectos do romance*, ao pensar a criação de personagens, também constata essa diferença entre o homem fictício e o homem real. O autor afirma que o primeiro podemos conhecer completamente, pois possui um narrador que nos apresenta todas as suas características. Já quanto ao segundo, não é possível de se penetrar no seu eu, sendo seus pensamentos e intenções impossíveis de desvendarmos, pois nós, homens reais, “somos pessoas cujas vidas secretas são invisíveis”⁹⁰, não podemos

⁸⁸ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p. 4.

⁸⁹ FORSTER, Edward M. *Aspectos do romance*. São Paulo: Globo, 1998.

⁹⁰ FORSTER, Edward M. Op. cit., p. 61.

penetrar no subconsciente das pessoas. As personagens “são pessoas cujas vidas secretas são ou poderiam ser visíveis.”⁹¹, já que são apresentadas por um narrador. Os seres “reais” possuem segredos, os fictícios nada podem esconder.

Ainda discutindo a criação de personagens, temos o ponto de vista do romancista francês François Mauriac, que afirma que a memória é a arma do romancista. É de onde ele “extraí os elementos da invenção, e isto confere acentuada ambigüidade às personagens, pois elas não correspondem a pessoas vivas, mas nascem delas.”⁹² Na verdade, o escritor busca na sua realidade uma inspiração para fazer sua criação e, com essa observação, ele monta, soma, subtrai e mistura personalidades.

São esses modos de criar inspirados na realidade de quem vive em uma cidade do interior, nas pessoas que nos cercam e na sociedade em questão que encontramos no universo ficcional de Charles Kiefer. Tânia Rösing⁹³ define a literatura de Kiefer como uma produção narrativa com o entrecruzamento de dois planos – o espaço histórico e o espaço ficcional –, já que aborda os problemas e dificuldades do colonizador alemão e do homem do campo, permitindo que o leitor absorva a história do Rio Grande do Sul e observe a composição do homem teuto-gaúcho em suas relações. Várias passagens da história dos imigrantes alemães estão retratadas em sua obra *A face do abismo*, como o povoamento da terra na região de fronteira no sul do país.

Setenta e seis pessoas que estiveram no princípio e que, setenta e seis anos depois estavam multiplicadas em milhares, porque as mulheres eram boas parideiras e aos homens interessava que a prole fosse numerosa: a terra era abundante e precisava ser

⁹¹ Idem, *Ibidem* p. 61.

⁹² MAURIAC, François. Apud: CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: ___. et. al. Op. cit., p. 67.

⁹³ RÖSING, Tânia. O outro lado da história. In: *Autores gaúchos 3*. Porto Alegre: IEL, 1990.

povoada.⁹⁴

As experiências vividas por Charles Kiefer em sua cidade natal marcam a personalidade e a produção cultural do escritor. Suas vivências são, aos poucos, expressas implicitamente em suas obras, nas histórias que cria. Suas personagens são alemãs, frutos das lembranças de sua infância, da família, das histórias que ouvia dos mais velhos.

Escrever um livro já é fazer parte do próprio livro, já que não podemos separar de forma mecânica o artista da sua arte [...] Em alguns casos, utilizo memórias infantis, adolescentes ou mesmo da vida adulta. Noutros casos, aproveito coisas que vi, ouvi, me contaram, etc. Enfim, escritor não deixa de ser uma espécie de "vampiro". Aproveitamo-nos do sangue da vida.⁹⁵

Sua produção cultural recebe influência direta da cultura germânica; dessa forma, em todos os seus romances, neste universo interiorano, acabam transitando imigrantes alemães. Walter Benjamin⁹⁶ já disse que para escrever é preciso ter experiência, não se pode escrever sobre o que não se conhece. E essa é a forma de criação citada por Charles Kiefer – baseada em Benjamin e lembrando as célebres palavras de Tolstói: “se queres ser universal, pinta a tua aldeia”⁹⁷ –, pois ele retrata em suas obras os conflitos e problemas enfrentados pela população do meio rural, do colono, do gaúcho, o que não deixa de ser “sua aldeia.”

A cidade ficcional criada por Kiefer, chamada Pau D’arco, aparece em todos os seus romances, e podemos defini-la como uma “réplica” de sua cidade natal Três de Maio, uma

⁹⁴ FA. p.25.

⁹⁵ KIEFER, Charles. *Chat Terra*. Entrevista na Feira do Livro de Porto Alegre. [//chat4.terra.com.Br:9781/entrevis_literatura.htm]. 06/11/2001.

⁹⁶ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Obras escolhidas.

⁹⁷ KIEFER, Charles. . *Autores gaúchos 3*. Porto Alegre. 1990. [Entrevista concedida a Maria Luiza Remédios, Aldyr Garcia Schlee]. p. 04.

cidade do interior colonizada por alemães. Kiefer argumenta que cria alguns de seus romances e novelas baseando-se em suas vivências.

Na adolescência, como todo mundo, comecei escrevendo sobre o que não conhecia. Levei um certo tempo para concluir que a gente só pode escrever sobre o que conhece [...] como não tinha pretensão de fazer ficção científica com naves espaciais e tudo mais, acabei me voltando para a colonização alemã.⁹⁸

Da mesma forma, comenta sobre o espaço físico da sua narrativa: “na verdade, existe um eu que vive na cidade grande e outro que ainda não saiu do mato, do campo. Os dois brigam, sobressai o camponês.”⁹⁹ Assim, escrevendo sobre os problemas do cotidiano, o escritor cria uma relação muito estreita com o universo dos seus leitores, fazendo com que muitos deles identifiquem-se com sua obra, se não for pela ascendência germânica, pois não são só descendentes de alemães que lêem sua obra, certamente será pelas temáticas abordadas.

Recentemente, Charles Keifer publicou um ensaio onde discute a produção cultural e as influências da identidade germânica na sua produção literária. No ensaio, o escritor relata suas experiências, conflitos e inspirações para a criação literária:

[...] penso que devo, retratar os colono-alemães em minhas obras, como fiz em *Valsa para Bruno Stein*, *O pêndulo do relógio*, *Os ossos da noiva*, *Quem faz gemer a terra*. É obvio que minha identidade étnica ajuda a configurar minha produção cultural [...] Eu quis, e quero, que os colono-alemães se vejam refletidos na minha obra. [...] Sei que o horizonte ideológico limita e delimita o horizonte do escritor, mas, sei também, como observou Benjamin,

⁹⁸ KIEFER, Charles. Op. cit., p. 4.

⁹⁹ KIEFER, Charles. Eu escrevo por necessidade, vaidade e dinheiro. *Blau*. Porto Alegre, p. 45, 1995. [Entrevista concedida a José Hildebrando Dacanal]. p. 05.

que o escritor reacionário não é capaz de perceber aspectos importantes da realidade.¹⁰⁰

Vários fatores podem ser citados para justificar a escolha da colonização alemã no sul do Brasil como tema central ou pano de fundo para romances, contos e novelas na literatura sulina. A mudança na cultura e no modo de vida, o aumento do crescimento no interior do estado e o crescimento das camadas médias urbanas são algumas das mudanças geradas pelos alemães na sociedade.

Como observamos, a condição de descendente de alemães auxilia o escritor na elaboração de sua obra ficcional, uma vez que nasceu e viveu, até uma certa idade, em uma cidade do interior de colonização alemã, viu de perto e também vivenciou discriminações e preconceitos sofridos pelos colonos, fatos estes que acabam tornando-se explícitos na sua escrita.

Nos romances em que Kiefer trata a questão da terra, por exemplo, o autor mesmo afirma que recolheu subsídios para sua escrita através de experiências “reais” vividas nos acampamentos de sem-terras, confrontos entre colonos e policiais, vivências e histórias conhecidas e ouvidas por ele. Assim, outra história, fictícia, mas que relata, reconta a “real”, fazendo-nos questionar todas as histórias, as “verdades conhecidas por nós” e levando-nos à mesma pergunta da personagem José Tarquino: “sobre quantas mentiras está construído o mundo?”¹⁰¹

Assim, podemos dizer que sua literatura está vinculada com a realidade circundante. De todos os temas abordados na obra de Kiefer, o mais constante, e já citado acima, é a

¹⁰⁰ KIEFER, Charles. A identidade étnica e a produção cultural – a questão judaica. In: _____. *A última trincheira*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002. p. 39.

¹⁰¹ FA. p. 21.

questão que gira em torno da terra e, conseqüentemente, da colonização alemã, que tem sua temática desenvolvida particularmente no romance em questão.

O racismo e o preconceito vividos por suas personagens são retirados de fatos ocorridos no dia-a-dia. Não só o negro, o caboclo e o mestiço são hoje vítimas de preconceito. O homem do campo também é uma vítima do preconceito e do descaso da sociedade e isso também está registrado na obra do escritor. A denúncia e o questionamento levam o leitor a refletir sobre a sociedade em questão. Procurando mostrar sempre “mais de uma verdade”, o escritor empenha-se em descrever sempre duas versões para os fatos, por isso usa o método de narrar usando duas vozes, não tomando a defesa de nenhuma das partes, mas tentando esclarecer e alertar o leitor, já que nos dias de hoje o racismo ainda é freqüente: “Racista? É lógico que não sou racista. Não, não censuro Frau Müller-Rosas nem a condeno por dormir com um negro.”¹⁰² Porém, o escritor alerta que o preconceito e a indiferença para com o menos provido chega a ser ainda maior. “Pretendia agora organizar uma passeata pelo centro da cidade, ou quem sabe trancar as estradas com máquinas agrícolas, para que os burocratas de Brasília soubessem que os colonos estavam fartos de tanto descaso.”¹⁰³

O problema do alcoolismo também se encontra presente na sua obra. Em seu livro infanto-juvenil *Você viu meu pai por aí?*, o escritor aborda o tema diretamente, alertando para os perigos e para as feridas que o problema pode causar. Em seus outros romances, e em *A face do abismo* em especial, o escritor não aborda o tema diretamente, mas relaciona-o com solidão e sofrimento. “Antes de jurar a si mesmo, mais uma vez e inutilmente, que

¹⁰² FA. p. 46.

¹⁰³ FA. p. 39.

pararia de beber...”¹⁰⁴ A falta de um emprego, a perda de confiança e do respeito pela família e comunidade são observações feitas pelo autor para alertar sobre o problema social que é definido como uma doença e que está quase sempre ligado aos conflitos interiores vividos pelos seres humanos e também por suas personagens e pelas personagens que as cercam.

Outro traço característico em sua produção literária são os conflitos psicológicos que vivem suas personagens. São geralmente pessoas inquietas, com seus segredos. Todo ser humano passa por conflitos; na obra do escritor, esse aspecto está sempre aflorando nas personagens. Elas estão sempre à procura de algo, de uma realização, e deslocam sua procura para o outro, ou ainda são capazes de sacrificar suas vidas pela tentativa de resolver esses problemas, que são muitas vezes gerados por uma luta interna entre o bem e o mal, entre o que é lícito e o que não o é. Esses conflitos ocorrem porque nenhuma personagem é completamente “pura”, todas possuem segredos, algum tipo de arrependimento que as leva ao conflito interior, como podemos observar na seguinte passagem em que a narradora Alberta fala sobre a mãe Milena Zeller: “Antes da revolução, segundo a minha irmã, ela vivia caindo dos picos da alegria aos abismos da depressão, machucava-se com frequência, como se se quisesse punir por alguma coisa.”¹⁰⁵

Pode-se dizer também que esses conflitos são observados em suas personagens porque elas são compostas ora pelo bem, ora pelo mal, sem ser especificamente um ou outro. Criaturas “humanas”, com virtudes e defeitos capazes de conviver harmoniosamente na mesma pessoa, capaz de matar e salvar, aproximando assim as personagens cada vez mais de pessoas “reais”. Essa ambigüidade podemos observar nos seguintes trechos que se

¹⁰⁴ FA. p. 11.

¹⁰⁵ FA. p. 87.

referem à personagem José Tarquino:

E o temporal sobreveio, não através dos ventos e dos raios mas pelo fogo das armas, dos facões sibilantes, e do ódio humano. Os índios que não foram trucidados ou esmagados pelos cascos dos cavalos morreram queimados no interior das ocas incendiadas.

- Missão cumprida! - gritou José Tarquino a seus homens, que ainda atiravam a esmo.¹⁰⁶

Ia de ser covardia matar eles nas funções do amor, que o amor deixa eles cegos e surdos. A caçada tem é de ser no justo trato, nas limpezas. Deixa eles no divertimento lá deles, ao depois a gente vê, outras onças aparecem.¹⁰⁷

Amar e odiar, como é o caso de Frau Zeller, nos dois exemplos a seguir:

Não conseguia era entender porque a *bruxa* [Frau Zeller] lhe devotava um ódio assim tão veemente.¹⁰⁸, [diálogo entre Frau Zeller e José Tarquino]

- Presta bem atenção: palavra de mulher também é uma só. O nosso amor se acaba aqui e agora. Não vou ficar pensando, à espera de que me venham contar sobre a tua morte.¹⁰⁹

E um exemplo dessa dupla representação aproximando o bem e o mal na mesma pessoa fica explícito no tratamento dado à personagem Milena Zeller, que possui dois modos de ser reconhecida. Um é como a personagem é conhecida pela sociedade, parteira e benzedeira, uma mulher que sabe se impor, respeitada por todos, Frau Zeller. A outra é Milena, a maneira como ela é chamada pelo amante, José Tarquino, homem ao qual ela devota, perante a sociedade, um imenso ódio.

¹⁰⁶ FA. p. 20.

¹⁰⁷ FA. p. 85.

¹⁰⁸ FA. p. 45.

¹⁰⁹ FA. p. 103.

Outra preferência de Kiefer em suas narrativas são as chamadas “pontas da vida.”¹¹⁰ Em muitos de seus romances, novelas e contos, vamos encontrar a infância e a velhice dando uma grande verossimilhança ao seu texto. Não raro encontramos narradores idosos, avós, contando às crianças, possíveis futuros narradores, suas histórias, suas frustrações, seus conflitos. E estas, quando se deparam com seus próprios conflitos, buscam nas lembranças, nas palavras da infância, o conforto e uma saída para suas dores. Com essas personagens, linguagem e histórias vividas e narradas por eles, Kiefer transcreve a experiência humana aproximando leitor e obra.

Além da infância e da velhice, há também outro acontecimento de que não se pode fugir e que o escritor também registra com frequência: a morte. A morte está sempre presente em suas narrativas, seja natural, provocada ou por meio do suicídio. Os problemas e conflitos interiores são, algumas vezes, resolvidos por meio do suicídio, como no caso de Laura.

Tarde da noite, enquanto ele roncava saciado, Laura deixou os lençóis quentes e macios...por isso a noite é preta e cúmplice, e o vento sopra chuva, e raios cortam o céu e o rumor de águas abafa o grito, o sufocado grito que não chegou a sair da boca de Laura... por isso um corpo inerte, vazio, balança no espaço e a noite é grávida e a morte, égua tresloucada, pasta, lentamente, pasta.¹¹¹

Em outras obras do escritor, outras personagens também buscam na morte uma solução, como é o caso de Angélica e Circe¹¹². A primeira entrega-se à doença e, assim, através da sua ausência, permanece viva na memória de Fernando, seu amado, que a deixa

¹¹⁰ RÖSING, Tânia. Op. cit., p. 15.

¹¹¹ FA, p. 99-100.

¹¹² Angélica é personagem do conto *O poncho* e Circe é personagem do romance *Os ossos da noiva*.

para lutar na revolução de 23. A segunda transmite um cansaço da vida, e a morte surge para acalantar sua dor, sua espera pelo noivo que não virá. Nesses casos, a morte surge como fim do sofrimento, está relacionada com a libertação.

Como podemos observar até aqui, é a figura feminina que mais ganha destaque na obra do escritor. Seus romances estão repletos de mulheres com ascendência germânica que, por vários motivos, merecem atenção. ‘Suas mulheres’, personagens “alemãs” que são o objeto de estudo nesta pesquisa, certamente estão lá, no seu passado, na sua história, elementos de uma biografia ainda sendo construída. Mas não nos deteremos nelas agora; para tão importante assunto, será dedicado o próximo capítulo.

Portanto, em *A face do abismo*, romance que conta a história da cidade de San Martin, que será invadida pelas águas de uma represa, as maiores reflexões são sobre o tempo, o destino e a morte. Nessa cidade ficcional, assim como na “vida real”, o homem procura pela terra, pela conquista do seu espaço e também por si mesmo. O destino e a morte, também como na “realidade”, marcam a narrativa, compondo um redemoinho que leva as personagens, cada qual a sua maneira, a contemplar a face do abismo.

CAPÍTULO IV

A MULHER ALEMÃ NA SOCIEDADE E NA FICÇÃO

Ser mulher ou homem é uma questão de palavras, a diferença está no nome, uma mulher é tão diferente de um homem quanto um sofá de uma poltrona.

Charles Kiefer¹¹³

Neste último capítulo procuraremos observar e discutir a figura feminina, tão importante na obra do escritor Charles Kiefer. Mas, para analisarmos o comportamento das mulheres alemãs na sociedade e a representação das personagens alemãs na ficção sul-riograndense, faz-se necessário primeiro observar o que representa a mulher em uma sociedade patriarcal, como ela se comporta perante a figura masculina, o que a impede no seu modo de ser distinto das demais, como ela é vista pela sociedade.

Num segundo momento, observaremos o comportamento da mulher gaúcha que vivia no Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX, como elas eram vistas pelos homens, como agiam, para assim podermos perceber as mudanças ocorridas na sociedade através da chegada das imigrantes alemãs e, através desta observação do comportamento da mulher sulina, perceber em que aspectos a cultura germânica contribuiu para o surgimento de um outro e novo modo de ser feminino, que é a fusão entre o comportamento da mulher sulina com o da germânica.

Somente depois desses esclarecimentos é que poderemos identificar como difere o comportamento do modo de ser da mulher germânica e perceber essas diferenças com base

¹¹³ FA. p. 58.

nas personagens que serão analisadas, num terceiro momento, na ficção kieferiana. E por fim, averiguaremos em sua obra algumas dessas personagens que vieram modificar o modo de ser feminino na sociedade e também na literatura sulina, já que quebraram várias regras estabelecidas pela sociedade.

A mulher gaúcha e alemã na sociedade

A figura feminina possui muitas formas de ser expressada dentro de uma sociedade dominada pela figura do homem. Ao longo dos tempos e conforme o contexto social em que se encontra, seu modo de aparição oscila com mais ou menos importância no espaço em que circula. A maneira de se referir à pessoa do gênero feminino e sua importância no contexto em que ela se encontra também sofre alterações, dependendo do período, raça e posição social em que a mulher está situada.

Linda Nicholson, em seu ensaio "Interpretando o gênero", relata que o gênero feminino está fortemente relacionado à questão do sexo, uma vez que ele remete a mulher a sua atuação biológica, associando e confinando-a à questão da sexualidade. O termo gênero começou então a ser utilizado para separar *ser* e *sexo*, desassociando a figura feminina de sua condição biológica.

Além dessa questão de gênero, que tenta classificar a figura da mulher dentro de um espaço, delimitando o *ser* em questão, entre seu próprio gênero existem outras subclassificações que podem variar de acordo com a “cultura, raça, nacionalidade, etc.”¹¹⁴

¹¹⁴ NICHOLSON, Linda. Op. cit., p. 23-24.

Dessa forma, as mulheres se assemelham em um aspecto, o gênero, mas acabam diferindo em outros.

Na sociedade patriarcal, por exemplo, a mulher é mantida sempre em segundo plano, vive em um mundo onde o homem – ou o ser masculino – impõe condições. Vive eternamente um conflito entre o que lhe é imposto como essencial, a vontade do homem, e seus desejos considerados secundários, que é a concepção do homem sobre a sua vontade. Sob esse ponto de vista, podemos concordar com Simone de Beauvoir¹¹⁵, que afirma que o que afastou a mulher do homem não foi a força física e sim o fato de não pensar como homem.

A sociedade patriarcal colocou a mulher em uma posição de serviçal. A ela ficou designado o trabalho caseiro, o cuidado com os filhos, a manutenção da casa, e ao homem o domínio da família. A população feminina nessa sociedade é vista apenas como o que alguns críticos chamam de “maternidade republicana”. Como mencionado no segundo capítulo, sua função está relacionada à produção de novos cidadãos.¹¹⁶ Até mesmo quando possuía uma educação, fato pouco comum no século XVIII e início do XIX, esta era para a mulher voltada para a casa e para a família; “as mulheres deviam mais ser educadas do que instruídas”¹¹⁷, sua educação deveria ser voltada para que pudessem educar os homens de amanhã. Dessa forma, há uma distinção entre a educação masculina e a feminina, e ainda hoje na América Latina a mulher possui uma educação feminil, voltada para a moda e preocupada com a elegância.¹¹⁸

¹¹⁵ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1949.

¹¹⁶ PRATT, Mary Louise. Op. cit. p., 131.

¹¹⁷ LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1987. p. 26.

¹¹⁸ COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para sua história*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. p. 29.

Em relação à representação da mulher na história, Mary Louise Pratt diz que as mulheres foram simplesmente excluídas e, quando aparecem, são figuras isoladas e sem voz.¹¹⁹ Pratt também relata que “embora a mulher, em tempo algum, tenha sido devidamente representada pela história dita oficial, valeria ver o quanto a república burguesa foi limitada e repressiva ao produzir e imaginar a mulher como sujeito histórico, político e cultural.”¹²⁰ Com estes questionamentos de Pratt, conseguimos perceber que a figura da mulher durante a narrativa histórica foi sempre muito reprimida e limitada quanto a sua posição como sujeito histórico, político e cultural.

Mas essa situação de isolamento ou indiferença que sofreu e ainda sofre a figura da mulher no meio em que vive, com o passar dos anos foi sendo reformulada pela própria sociedade. Muitas vezes, esse “preconceito” que a mulher sofria, e ainda sofre, vem do mesmo gênero, sendo ocasionado apenas pelo fato do *ser mulher* pertencer a outra raça ou classe social.

Através da própria história, ao contar sobre feitos heróicos, guerras, batalhas e até mesmo romances, ao citar algumas passagens de mulheres, percebemos que, mesmo nos séculos passados e ainda hoje, muitos fatores contribuíram e ainda contribuem para uma mudança no comportamento e no modo de ser da figura feminina.

A guerra, por exemplo, nos séculos XVIII e XIX, no sul do Brasil, impulsionou a mulher para uma posição de comando da família, uma vez que a obrigou a defender a casa na ausência do homem, a trabalhar e a sustentar a família. Ela “impele a mulher a alargar a sua esfera de ação fora do tradicional acanhamento da vida doméstica”¹²¹, agindo assim de

¹¹⁹ PRATT, Mary Louise. Op. cit., p. 127.

¹²⁰ Idem, Ibidem, p. 128.

¹²¹ COELHO, Mariana. Op. cit., p. 28.

forma a colaborar para o deslocamento feminino. Exemplos de mulheres que através da guerra assumiram as rédeas da família vamos encontrar em relatos sobre a sociedade dos séculos XVIII e XIX e também em muitas passagens na própria obra literária brasileira e particularmente sulina.

Joana Maria Pedro¹²², em seu ensaio "Mulheres do sul", ao citar Saint-Hilaire¹²³, “descreve ainda a existência de inúmeras mulheres comandando estâncias, trabalhando, provendo sozinhas a sobrevivência, em vista da constante ausência dos maridos.”¹²⁴ O botânico também relata que, no interior do Rio Grande do Sul, as mulheres das estâncias possuíam uma outra característica distinta das mulheres das cidades. Devido às ausências dos maridos causadas por guerras e revoluções e mesmo pela lida pastoril, eram elas que tomavam as “rédeas da casa”. Já na literatura sulina, essas figuras estão representadas por personagens como Ana Terra¹²⁵, Catarina¹²⁶, Micaela¹²⁷.

Sendo assim, na região sul do Brasil, tentar descrever o papel que cabia à mulher representar é uma tarefa um tanto complicada, pois a mulher que lá vivia desde o início de seu povoamento no século XVIII, possuía diferentes modos de vida, uma vez que seu comportamento oscilava, como já mencionado, conforme o ambiente em que ela se encontrava, no campo ou na cidade, e ainda dependendo também da classe social e da nacionalidade a que pertencia.

Sabemos que no sul do país, devido à produção cultural e às já citadas guerras, o mito do gaúcho é muito forte, colocando assim em segundo plano a figura da mulher. Mas há

¹²² PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

¹²³ Saint-Hilaire, botânico francês que esteve no Brasil entre 1816 e 1822 coletando plantas. Deixou anotações feitas, além da flora e da fauna, sobre o povo que aqui encontrou.

¹²⁴ PEDRO, Joana Maria. Op. cit., p. 278.

¹²⁵ Personagem do romance *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo.

¹²⁶ Personagem do romance *A ferro e fogo*, de Josué Guimarães.

¹²⁷ Personagem do romance *As virtudes da casa*, de Luiz Antonio Assis Brasil.

grandes diferenças nos hábitos e costumes entre as mulheres nascidas no Rio Grande do Sul e as mulheres nascidas ou descendentes de culturas diferentes, como as de origem germânica. De qualquer forma todo o trabalho feminino, bem como a figura da mulher sulina na sociedade, era pouco valorizado e reconhecido e, muitas vezes, o papel dessa mulher restringia-se apenas a servir o marido. Em uma terra de guerras e lutas, a mulher era tida como apenas um “reposo do guerreiro.”¹²⁸

Com o passar do tempo, esse comportamento feminino começa a mudar, e essa mudança está relacionada com o *progresso*, visto como necessário para a humanidade; a mulher precisa ganhar espaço no meio social. Então, a guerra, a necessidade de mão-de-obra, o hibridismo de culturas causado pelo processo de imigração, os meios de comunicação, etc., todos esses fatores somados ao desenvolvimento sócio-cultural, contribuíram também para o aparecimento e desenvolvimento da mulher nessa nova sociedade, que é também formulada por ela.

Com relação à representação da mulher na sociedade vinculada ao processo de imigração, essa mulher torna-se responsável por uma troca, um intercâmbio de culturas, já que traz consigo toda uma bagagem cultural recebida em sua pátria. Segundo Walter Mignolo, as imigrações “corroen los supuestos lazos entre territorio y cultura”¹²⁹, ocasionando, assim, essa transformação tanto na cultura que recebe o imigrante quanto na cultura que foi deslocada.

Essa “corrosão” de que fala Mignolo nos espaços físicos, modificando e desconstruindo processos culturais em territórios imaginados, é comprovada no processo

¹²⁸ BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. p. 470.

¹²⁹ MIGNOLO, Walter. Apud KLAHN, Norma. Travesías/travesuras: des/vinculando imaginarios culturales. In: *Estudos Feministas*. Op. cit., p. 63.

imigratório ocorrido no sul do Brasil, principalmente no comportamento da mulher alemã no espaço sulino, onde a cultura local, principalmente o modo de ser feminino, passou por algumas mudanças depois da imigração germânica, e onde a cultura e a mulher alemã também assumiram traços da cultura local.

A cultura alemã muito influenciou a formação da personalidade e de hábitos do povo no Rio Grande do Sul, seja na culinária, na arquitetura, na agricultura, no relacionamento familiar, na economia, no artesanato. Esse hibridismo cultural foi fundamental para a transformação da mulher na sociedade. Comparando a posição que ocupa a mulher gaúcha na sociedade em que vive com a importância da mulher de origem germânica na sua sociedade, percebemos que o modo de ser da mulher alemã contribuiu para o desenvolvimento da mulher sulina dentro e fora do espaço da casa, já que na cultura germânica a mulher sempre ocupou um papel de grande importância para o desenvolvimento da família.

Estudos sobre a mulher na cultura alemã mostram que as mulheres teuto-brasileiras possuíam mais direitos que as mulheres gaúchas, possivelmente devido à contribuição ao sustento da família. A estrutura familiar era a base da sociedade imigrante, tanto dentro de casa como na relação entre parentes e amigos, que eram considerados como membros da família, conforme já explicitado no primeiro capítulo. Na cultura alemã, as mulheres possuíam certos direitos que proporcionavam a elas uma situação superior à da mulher gaúcha da época, que não tinha o hábito de opinar nas decisões do marido. Nos núcleos de imigrantes e descendentes de alemães, as mulheres tinham mais liberdade de expressão, pois nas decisões da casa sua opinião era ouvida e respeitada.

Não se tomava uma resolução familiar sem consultar as mulheres. A opinião delas era levada em conta na compra de um lote de terra, de uma vaca, ou mesmo de algumas sementes. Respeitavam-se sua religião (que podia ser diferente da do marido), seus pontos de vista e conselhos.¹³⁰

As mulheres alemãs nos núcleos tipicamente coloniais adotavam uma postura diferenciada das demais que viviam na capital do estado ou em núcleos urbanos, pelo menos no que diz respeito ao seu papel na família. A elas era permitido participar de práticas consideradas masculinas. Sua mão-de-obra sempre foi valorizada e respeitada. O trabalho da mulher alemã era de grande importância e considerado fundamental pelo homem. No que diz respeito às tarefas realizadas, a mulher alemã trabalhava quase com a mesma intensidade que o homem. A mão-de-obra feminina era muito valorizada: ela labutava intensamente na lavoura, na olaria, na sapataria. Somente o serviço muito pesado, como a derrubada e a queimada da mata, era tarefa exclusiva do homem. Os mais velhos também possuíam tarefas distintas dentro de casa, assim como os filhos mais novos que ainda não estavam em idade de trabalhar na lavoura. Já a mulher gaúcha ficava mais restrita aos afazeres domésticos.

Além dos serviços domésticos, elas também plantavam, colhiam, cuidavam dos animais... Somente a derrubada da mata e a preparação do terreno eram serviços exclusivos dos homens. Da capacidade de trabalho e da organização feminina dependia grande parte do progresso econômico da família.¹³¹

No relacionamento dentro de casa ou diretamente com o marido, também percebemos uma diferença entre as culturas. Existem, registrados em documentos, relatos de esposas

¹³⁰AMADO, Janaina. Op. cit., p. 41-42.

¹³¹MAYRER, Marlise Regina. Op. cit., p. 16-17.

germânicas que acompanhavam os maridos para as novas colônias a contragosto e, nesses casos, elas interferiam, opinavam, discutiam e questionavam os atos dos maridos, atitude essa que mulheres gaúchas e de outras origens que viviam no estado não estavam habituadas a ter.

Os homens atribuíam à mulher na cultura alemã um “sexto sentido.”¹³² Isso fazia com que a figura feminina na cultura germânica adquirisse uma posição de destaque na participação econômica da casa, uma vez que “intuíá” sobre o que era melhor de ser feito para o progresso e bem-estar da família.

Quanto à relação entre mães e filhos, as mulheres alemãs eram vistas como mais frias que as brasileiras, “o afeto se demonstrava principalmente através dos atos, de cuidados cotidianos, e não de palavras”¹³³, eram mais rígidas, severas e menos carinhosas. Em relação à educação transmitida para as filhas na cultura alemã, as mães lhes ensinavam em casa essa postura em relação aos assuntos da casa e da lavoura, participação ativa na economia e relação quase que de igualdade com o marido. Através dos costumes germânicos que já estavam incorporados à cultura dos colonos, esses ensinamentos passavam de mãe para filha.

Em relação às mulheres solteiras, também existia uma grande diferença entre as duas culturas. Na sociedade sul-rio-grandense, a jovem só participava de bailes em companhia dos pais, os namoros eram vigiados e a virgindade era imposta pela sociedade. Na cultura alemã, a jovem solteira tem uma postura bem diferente das jovens locais. Isso já é

¹³² Idem, *Ibidem*, p. 16.

¹³³ HOEPER, Dinorá. *Op. cit.*, p. 49.

percebido em sua chegada ao país, pois alguns casais que aqui chegaram eram noivos e não haviam oficializado ainda o casamento.¹³⁴

Os jovens começavam a namorar nos bailes “que, quando muito os havia meia dúzia por ano.”¹³⁵ O casamento era algo sério e indissolúvel, tanto na religião católica como na protestante. Por outro lado, as moças podiam ir a festas sozinhas e o namoro não era tão vigiado, tinham liberdade para namorar e também para escolher o noivo; alguns colonos, dependendo da região, meridional ou ocidental, da Alemanha de onde tivessem emigrado, “permitiam inclusive a prática sexual antes do casamento.”¹³⁶ Essa prática chocava os brasileiros, que condenavam as relações pré-nupciais; com o tempo, esse costume acabou sendo modificado pelos valores locais, passando o imigrante alemão a cultivar o hábito da virgindade entre as mulheres.

A recreação feminina ocorria principalmente nos encontros na igreja, nos bailes realizados pelas mesmas e, mais seguidamente, nas visitas às vizinhas. As comemorações como Natal, Páscoa e casamentos eram outros meios de integração e oportunidade para o convívio em sociedade.

A mulher alemã tinha um grande cuidado com a casa. Bordava, cuidava de plantas, fazia pães e cucas. Até os panos de cozinha traziam conselhos para o bom funcionamento da casa, funcionavam como uma espécie de lembretes com provérbios que tinham a finalidade de transmitir as donas de casa conselhos morais:

[...] se acaso não lhe aparece o que fazer, ela procura, porque a preguiça a espreita e ela sabe, de berço, que somente quem,

¹³⁴ Ver Janaína Amado para obter maiores detalhes sobre esta diferença na postura das jovens alemãs. Op. cit., p. 42.

¹³⁵ FLORES, Hilda Hübner. *Regionalismo sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996. p. 44.

¹³⁶ AMADO, Janaína. Op. cit., p. 42.

diligente, obra durante o dia, se sente bem à noite, além do que, esforço traz pão; preguiça, necessidade.”¹³⁷

Com o passar do tempo, o desenvolvimento e a transição das famílias de colonos para os centros urbanos, a mulher teuto-brasileira começa a demonstrar uma outra postura, ficando afastada de associações ou grupos formados ou freqüentados por mulheres; “com o crescimento das cidades, as mulheres vão perdendo a importância econômica que tinham na colônia e, conseqüentemente, começam a pesar menos nas decisões familiares, tornando-se mais recatadas e submissas aos pais e maridos.”¹³⁸ Mesmo com essa mudança, a mulher alemã continua com uma postura diferenciada daquelas mulheres de outras culturas, hábito que está incutido em sua personalidade, ocasionado pela educação “caseira” e pela identidade germânica.

Portanto, quando essa mulher teuto-brasileira passa, na literatura sulina, da vida “real” para a vida ficcional, é comum percebermos essas diferenças entre personalidades de origens diferentes, uma vez que a ficção é o retrato de uma sociedade, como afirma Antonio Candido em *A personagem do romance*. Nos romances dos ficcionistas do século XIX, na literatura sulina, não havia nenhuma personagem feminina de destaque: “ou são as pálidas amadas dos heróis, filhas ou irmãs de grandes ou médios proprietários rurais em época de casar, ou são elementos colaterais da trama, de caracterização epidérmica e participação ocasional.”¹³⁹ Sendo assim, a representação da figura feminina na literatura,

¹³⁷ ASSIS, Valesca de. Uma Frau construída com palavras. In: FISCHER Luís Augusto e GERTZ, René E. (orgs.). Op. cit., p. 65.

¹³⁸ MAYRER, Marlise Regina. Op. cit., p. 18.

¹³⁹ ZILBERMAN, Regina. Op. cit., p. 77.

em um primeiro momento, acaba sendo vista como “uma ameaça para a consumação esplendorosa da obra heróica”¹⁴⁰ da figura masculina.

Porém, na literatura gaúcha contemporânea, essa personagem teuto-brasileira se distingue das demais em vários momentos, conforme os objetivos de cada uma. É interessante o aparecimento da primeira pessoa: já não se diz “nós”, e sim “eu”. Essas mulheres representadas nas novas ficções gaúchas contemporâneas, além dos ideais já conquistados pelas heroínas conhecidas, buscam ainda posição, realização, direito de escolha, amor pleno. Suas descrições oscilam entre sensuais, autoritárias, imparciais, persistentes, fantasmagóricas, e é essa influência cultural, somada a outros fatores, que vem transformando a personagem feminina na literatura sulina.

Muitas são as personagens alemãs nos romances que, na maioria das vezes, aparecem como mulheres de personalidade forte, determinadas, dominadoras. Nesses aspectos, destacam-se mulheres como Catarina, de *A ferro e fogo*, Frau Marta, de *Um rio imita o Reno*¹⁴¹, e, como já citado, as personagens da obra de Charles Kiefer, que são mulheres determinadas e de personalidade forte, como Herta, Milena, Laura e Alberta, do romance *A face do abismo*, que analisaremos a seguir, entre outras.

Com base nessas questões, referidas e postas até aqui, vamos observar a seguir traços de personalidade das personagens femininas na obra do escritor Charles Kiefer e, logo após, analisar essas principais personagens que figuram em seu romance *A face do abismo*.

¹⁴⁰ BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. p. 470.

¹⁴¹ MOOG, Viana. *Um rio imita o Reno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

A mulher alemã no romance de Charles Kiefer

Quando Regina Zilberman fala sobre a influência histórica na produção literária do Rio Grande do Sul, ela cita a passagem da colonização como um dos assuntos mais discutidos na produção literária local, mas alerta também para outras questões. Segundo Zilberman, “fatos mais recentes, de ordem política, também comparecem, dando margem à expansão de uma narrativa engajada na qual as estruturas de poder são analisadas e avaliadas.”¹⁴²

Essa citação de Zilberman vem ao encontro da obra de Charles Kiefer quando, em seus romances, além de abordar a questão da colonização, uma vez que seus personagens são descendentes de alemães, discute também temas políticos, que abrange problemas enfrentados no campo e na cidade na literatura nos dias de hoje. Sendo assim, a influência histórica não está representada somente através de lutas, revoluções e retratos da vida do imigrante em relação à colonização da terra. O texto de Charles Kiefer, embora ambientado no campo, vem mostrar uma transição do gênero histórico, utilizando como personagens os descendentes de alemães, que passam do campo para o meio urbano, mesmo que esse meio seja uma cidade do interior do estado.

Como já observamos, o universo ficcional do escritor Charles Kiefer é um espaço onde circulam, principalmente, figuras descendentes de alemães. Como lembra Zilberman, muito a literatura se valeu de fatos históricos, como a imigração, para criar narrativas, e a produção de Kiefer segue essa linha, baseando-se na colonização. As personagens femininas em sua obra, na grande maioria, apresentam traços marcantes da cultura, dos

¹⁴² ZILBERMAN, Regina. Op. cit., Nota 13 p.112.

costumes e tradições dos imigrantes que para o Brasil vieram com o intuito de colonizar a terra abundante que havia no sul do país.

O texto de Kiefer apresenta uma comunidade deslocada cultural e geograficamente, mostrando, principalmente através das personagens femininas, uma diferença e um confronto cultural. Essas mulheres estão à procura de si mesmas, e são inovadoras, uma vez que estão à frente das mulheres do seu tempo.

A obra literária de Kiefer é marcada por um regionalismo de caráter rural, que retrata a vida no campo, os problemas enfrentados pelo homem em relação à sua realidade ficcional. Como suas personagens são na maioria descendentes germânicos, os traços marcantes do imigrante relacionados à família e aos costumes estão também marcados em sua obra. Além dessas funções já conhecidas, ele, ao criar suas personagens, problematiza as questões do cotidiano feminino no campo e apresenta personagens mulheres que protagonizam, além dessas questões, o drama de sua libertação.

A sensualidade é uma das marcas nas personagens femininas de Kiefer. Suas protagonistas, mulheres imigrantes e colonas dos séculos XIX e XX, são, na maioria, marcadas por uma descrição sensual, onde a figura da mulher se destaca das demais não só pela descrição física, mas também por atitudes e revelações de seus pensamentos que as apresentam como mulheres de *carne e osso*. Essas mulheres desejam e buscam amor pleno ou apenas realização como mulher. Isso as diferencia das demais e também do estereótipo alemão para a época, em que a mulher era vista como trabalhadora firme, decidida, mas não sensual.

Essa sensualidade pode ser vista também, pela ótica masculina, como a representação de uma tentação. A religião, segundo católicos e protestantes, compara a mulher a *Eva*¹⁴³ e a confina a uma representação do pecado. A mulher se insinua, procura pelo homem, luta por fazer valer sua vontade, e como esta está relacionada ao sexo, transforma-se tal personagem em uma figura tentadora, como *Eva*; essas mulheres são o caminho do pecado, a fonte da perdição. Mas a mulher não pode ser vista como única fonte e responsável pelo pecado, o homem também é tão responsável quanto a mulher; “os homens sempre correm atrás do pecado, como o dourado atrás do espelho.”¹⁴⁴

A religiosidade, tão forte entre os alemães e também tão questionada pela população depois do fato trágico ocorrido através do episódio de fanatismo praticado pelos *Muckers* no Ferrabrás,¹⁴⁵ também está presente na obra de Kiefer através de questionamentos e do próprio curandeirismo, prática esta assumida por uma de suas personagens. A figura da igreja é vista como uma instituição masculina. E essa instituição dita o modo de ser da mulher na sociedade em que vive, submissa, obediente, recatada. No romance de Kiefer, a figura feminina aparece distante da religião e, conseqüentemente, é essa mulher que vem a quebrar as regras da sociedade em questão. Nesse caso, o afastamento da igreja representa a ruptura com os costumes e as regras impostas pela mesma.

Enfim, os traços marcantes da personalidade das imigrantes alemãs que desembarcaram no Rio Grande do Sul e que lá se estabeleceram e ajudaram a desenvolver o estado sulino estão representadas na obra do escritor Charles Kiefer, contando ainda com algumas questões que geram a ruptura com a cultura e as tradições. Vamos observar agora

¹⁴³ Bíblia Sagrada.

¹⁴⁴ FA. p. 57.

¹⁴⁵ No primeiro capítulo, está explicado o que ocorreu em São Leopoldo envolvendo os *Muckers*.

como elas se apresentam e como rompem com os padrões estabelecidos pela sociedade ficcional em que viviam.

Alberta Zeller

Nasceu em 1923, durante a revolução, filha ilegítima de José Tarquino Rosas e Milena Zeller; em 1942 casou-se com Gustav Stein. Gerou quatro filhos e uma filha. Em 1968 ficou viúva; em 1976 elegeu-se vereadora, com a maior votação da bancada da oposição. Em 1979 participou da passeata contra a construção da barragem, foi presa pela primeira e última vez na vida; em 1985 narrou ao neto mais velho, e futuro escritor, a história de San Martin. Vive em Pau D'arco.¹⁴⁶

Como já mencionado, a obra de Charles Kiefer procura se vincular diretamente com a história. Suas personagens refletem criticamente sobre a realidade social da qual fazem parte, e nesse romance Alberta Zeller é o exemplo desse tipo de personagem. Através da política, a personagem discute questões atuais, como repressão e posse de terras, e defende os menos favorecidos. O fato de ser um dos narradores permite que ela questione os atos e abusos praticados pelos governantes, pelos homens, na narrativa e na história.

Brasileira, pertencente à segunda geração de alemães no Brasil, a personagem Alberta é uma mulher forte, de aparência frágil e delicada, que se orgulha em ser mulher e se empenha em demonstrar uma aparência feminina.

¹⁴⁶ FA. p. 166.

Aos cinquenta e seis anos, viúva há mais de dez, alta e bonita ainda, tinha os cabelos grisalhos e macios como penas de ganso, cabelos que jamais usaram tintura ou shampoo, sequer sabonete, lavados que eram com água de camomila, e perfumados com alecrim. Vestia-se com simplicidade e elegância, com essa elegância natural às mulheres seguras e indiferentes à opinião alheia. Preferia os vestidos de tergalina estampados com motivos florais, vestidos leves, quase juvenis. Não exagerava nos decotes, tampouco escondia os seios bem formados. No verão, expunha os braços. Fazia questão de apresentar-se feminina, inclusive em casa, ainda que sozinha.”¹⁴⁷

Ela possui a força da família Zeller. Filha ilegítima, sem o saber, luta por manter vivas suas raízes e seu modo de ser, característica que os alemães que chegaram ao país conseguiram por muito tempo conservar. Essas atitudes que Alberta possui caracterizam as mulheres de sua família, em especial a mãe, exemplo para ela de força, coragem e fidelidade.

Apoiada na sua posição de mulher de vida pública, pois foi a vereadora mais votada, questiona as opressões e injustiças sofridas pelas mulheres por serem consideradas inferiores aos homens. É um exemplo de mulher que transgride as regras. Trabalha fora de casa, é professora e, depois, vereadora, a única mulher a assumir esse cargo em toda a região. Casa-se e não assume o sobrenome do marido, numa atitude que a define como uma tentativa de inibir a idéia de que as mulheres “ficaram sempre à sombra dos homens.”¹⁴⁸ Além dessas atribuições, ainda foi por algum tempo parteira, profissão que aprendeu com a mãe; como mencionado no primeiro capítulo, as profissões entre os alemães passavam de pai para filho. Alberta também fica viúva, provendo sozinha seu sustento. Ela esforça-se por defender as mulheres contra a submissão masculina e também por manter a moral das

¹⁴⁷ FA. p. 29.

¹⁴⁸ FA. P. 106.

mulheres de San Martin, identificadas por ela como as honestas e femininas, que não queriam se assemelhar aos homens, mas também não se deixavam ser dominadas pela figura masculina.

A importância da figura materna, o aprendizado que era passado de mãe para filha dentro de casa e o tratamento entre mães e filhos na cultura germânica são facilmente percebidos nessa narrativa pela devoção e respeito que Alberta demonstra à mãe, Milena Zeller. A mãe é um exemplo para a filha de mulher íntegra, honesta e digna. Jamais Alberta soube de sua verdadeira paternidade, tampouco suspeitou dos motivos de felicidade que sua mãe demonstrava antes de seu nascimento, segundo as narrativas de sua irmã mais velha. Milena será sempre, pela história de Alberta, o exemplo de mulher, e para imitá-la Alberta será capaz de sufocar seus próprios desejos e sua vida, que ainda poderia ser refeita ao lado de um novo companheiro. Toda essa admiração transforma a vida de Alberta e a faz ser uma mulher espelhada em uma figura que ela tão pouco conheceu, a mãe.

[...] memória e passado que Frau Zeller honrou até o fim, jamais pensou sequer em constituir outra família.

Penso, às vezes, que também eu rejeitei todos os pretendentes depois que fiquei viúva para pautar minha vida pelo exemplo dela.”¹⁴⁹

Outro papel importante que Alberta desempenha na narrativa é o de alertar o leitor para as mentiras sobre as quais o mundo é construído. Ao longo da narrativa em que conta “sua verdade”, ela alerta para a possibilidade de outras, uma vez que diz ao neto que todas as coisas no mundo têm duas versões. Nesse ponto, sua participação na narrativa vai além do ato de contar histórias e assume um papel de questionamento, alertando o leitor não só

¹⁴⁹ FA. p. 97.

para a narrativa que se desenrola, mas também para os conflitos ocorridos no mundo e para “as verdades conhecidas por nós”, sendo ela o próprio exemplo de ambigüidade, pois não sabe que sua “verdadeira” história também possui outra versão.

Para esse tipo de estrutura textual, apresentando duas vozes narrativas, o autor costuma construir sua obra como um mosaico, somando, unindo pedaços soltos para, ao final, chegar ao todo. E assim surge a narrativa fragmentada e depois costurada pelo fio da vida. Dessa forma, temos duas histórias, dois narradores que sempre narram a “sua história verdadeira”; o que as difere são os segredos conhecidos e a maneira de perceber os fatos e o mundo. Exemplo disso é o comentário de Alberta na sua narrativa ao neto: “Como as coisas todas do mundo, a história do engenheiro argentino tem duas versões.”¹⁵⁰

Se percebemos que a história sempre é narrada por uma outra voz, podemos então começar a questionar a verdade dos fatos apresentados. Em uma passagem de *A face do abismo*, fica claro esse movimento da história através de uma passagem da narradora Alberta:

A ex-vereadora retornou, afastou a cadeira um pouco do fogão, o estio trouxera além do cheiro de jasmim e o zumbido estridente das cigarras também o calor sufocante, ela talvez preferisse uma noite fria, com o vento minuano zunindo pelas frestas das persianas, para que pudesse aquecer as mãos sobre a chapa de ferro, como Frau Zeller, enquanto contava.¹⁵¹

Carlos Baumgarten¹⁵², lembra que, como é o historiador ou o romancista que seleciona os fatos a serem narrados, a história é observada sob o ponto de vista de escritor.

¹⁵⁰ FA. p. 77.

¹⁵¹ FA. p. 28.

¹⁵² BAUMGARTEN, Carlos. Literatura e história: o entrecruzamento de discursos. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (orgs.). *Pensar a revolução federalista*. Rio Grande: FURG, 1993.

Isso “cria, em verdade, um segundo sentido, algo que já não corresponde inteiramente à realidade observada, determinando que História e Literatura tenham uma existência puramente lingüística, cujo efeito é a *ilusão do real*.”¹⁵³ Dessa forma, os questionamentos de Alberta sugerem exatamente o questionamento dos fatos apresentados como história, já que esta também é a “versão” de um escritor.¹⁵⁴

Conferindo veracidade a esse questionamento, temos então a narrativa de Alberta sobre a vida de sua mãe Milena. Se a história de Milena e da cidade de San Martin fosse apresentada somente a partir da sua narrativa, jamais saberíamos de outras “verdades”, questionáveis, mas que são fundamentais para a compreensão de muitos fatos, atitudes e sentimentos na narrativa ficcional em questão.

A figura e a narrativa de Alberta Zeller vem principalmente discutir e alertar o leitor para esse tipo de questionamento: sobre quantas mentiras o mundo está construído? Pode-se dizer que essa reflexão é a maior contribuição da personagem para o desenvolvimento da narrativa, já que outras mulheres terão uma representação de mais força, possivelmente até pela razão da época em que vivem no romance.

Sua representação como mãe não é questionada durante a narrativa; sabe-se que ela tem quatro filhos, mas nem mesmo a mãe do neto, que é o ouvinte da história, se faz presente. Sua função é de narradora e sua preocupação é dar veracidade aos fatos narrados ao neto e alertá-lo para problemas sociais e políticos, pois muitos são os fatos narrados por ela que abordam essas questões. Sua figura como mãe não é necessária ao romance ou, mais uma vez, seguindo os passos da mãe e também comprovando uma característica dos

¹⁵³ BAUMGARTEN, Carlos. Op. cit., p. 91-92.

¹⁵⁴ A questão do narrador e seu questionamento sobre as várias “histórias” é muito interessante na obra do escritor Charles Kiefer, porém neste trabalho me dediquei apenas a este comentário do texto de Baumgarten sobre esse assunto, já que não é meu objetivo discutir aqui o entrecruzamento discursivo.

alemães, ela omite o carinho e a maternidade de sua narrativa e de sua vida, como a figura de Frau Zeller.

A sexualidade e a sensualidade não fazem parte da “vida” dessa personagem. Sua atuação não destaca sua trajetória como mulher. Embora exista no texto uma passagem, quando Alberta lembra de um sonho, na qual fica claro que a personagem é uma mulher com sentimentos e desejos, ela guarda esse sonho na lembrança e não volta a questionar ou lamentar a sexualidade inibida, mas faz de sua solidão um motivo de orgulho e aproximação de seu espelho materno.

Discursava, furiosa, quando o intendente entrou... o plenário se esvaziou... ouviu-o bater palmas ao final... fez um sinal, suave e delicado... que ela se aproximasse... Sugada, exausta, foi-lhe ao encontro... ele passou-lhe a mão nas coxas... Nua, pôs-se a correr dentro da câmara... Depois de longo tempo de jogo, deitou-se no carpete macio e o chamou... antes dela chegar ao clímax, acordou.¹⁵⁵

Uma questão que deve ser observada na dupla narrativa de *A face do abismo* e que também é desvendada pelas “verdades conhecidas por nós” é o incesto. Alberta desconhece sua verdadeira paternidade. Não suporta a figura do intendente Gumercindo Rosas, mas é com ele que Alberta tem o sonho erótico onde deixa transparecer o seu lado feminino, e também desconhece que Gumercindo é seu “meio irmão”, fato que leva a personagem ao ato pecaminoso, segundo a religião, de incesto, mesmo que seja em sonho, com Gumercindo. Em nenhum momento ela demonstra asco em ter sonhado com ele; questiona e pede perdão pelo sonho ao retrato do marido, já falecido, mas não reclama do coadjuvante.

¹⁵⁵ FA. p. 31-32.

Embora defensora das mulheres e da falta de reconhecimento sofrida por elas, Alberta não pode ser vista como uma mulher liberal que busca igualdade total entre homens e mulheres. Defende a família, o casamento, o cuidado com a casa, a feminilidade, a devoção ao marido. Condena o fato das mulheres usarem calças, fumarem e mascarem chicletes. “As mulheres, afirmava em seus discursos nas solenidades oficiais, nas campanhas políticas e na tribuna da Câmara dos Vereadores, deviam dar-se maior valor.”¹⁵⁶ Preocupa-se com questões consideradas liberais para o espaço social em que vivia, como trabalhar fora de casa, não usar o sobrenome do marido, educação para todos. Defendia as mulheres e o espaço que elas ocupavam, e criticava o pouco valor dado a elas, a falta de valorização, mas não pregava a igualdade entre os sexos. A mulher tem que ser feminina e não pode ter atitudes que a aproximem das atitudes de “mulheres de vida fácil.”

Onde estão as ruas e as avenidas com nomes femininos? Frau Zeller, Herta Müller, Erica Könnig, Laura Rosas e tantas outras ajudaram a construir San Martín, não só trabalharam como geraram novos trabalhadores, mas não participaram das glórias, ficaram sempre às sombras dos homens.¹⁵⁷

Na citação acima, podemos perceber na voz de Alberta sua identidade feminina defendendo as mulheres. Essa passagem mostra, conforme observamos no capítulo dois, como os homens costumavam posicionar as mulheres. Suas vidas estavam relacionadas à criação de outros homens, e essa atribuição dada às mulheres era bastante questionada por Alberta, que procurava conduzir sua vida com outros valores e atribuições, mas sem perder sua feminilidade.

¹⁵⁶ FA. p. 30.

¹⁵⁷ FA. p. 106.

Dotada de uma excelente memória, Alberta é a mais indicada para narrar a história ao neto, porque as mulheres se preocupam em definir detalhes que, muitas vezes, podem ser insignificantes para os homens. Mesmo sendo um dos narradores, em momento algum ela declara ser a dona da verdade contada, pelo contrário, está sempre alertando o neto, ouvinte, que todas as *histórias têm duas versões*¹⁵⁸, e o faz pensar e questionar tudo que ouve.

Embora seja uma mulher à frente do seu tempo, em pensamentos e atitudes, já que a personagem vem discutir e questionar, entre outros temas, a importância da mulher na sociedade, Alberta deixa transparecer traços em sua personalidade que não se pode dizer sejam dados pela sua origem germânica, uma vez que a maioria dos personagens na obra de Kiefer não demonstra traços de racismo, mas que podemos aproximar, mais uma vez, aos preconceitos influenciados pela figura materna.

Alberta não se diz racista, mas refere-se a José Tarquino como *negro* de uma forma pejorativa: “negro mesmo ele não era, mas tinha a pele escura, de um marrom sujo”¹⁵⁹. Diz não condenar Herta, mas demonstra, ao longo do relato que faz ao neto, uma certa reprovação ao casamento entre uma alemã (Herta) e um mestiço (Tarquino). Essa maneira de definir o *bugreiro* pode ser entendida, com certeza, como uma influência das narrativas que Alberta ouvira de sua mãe, as quais desaprovavam o relacionamento não pelo fato da cor da pele, mas sim pelos ciúmes que Frau Zeller alimentava pelo fato dos dois possuírem condições de oficializar a relação, motivo este que Alberta desconhecia.

¹⁵⁸ Essa questão sobre história e literatura e a função de dois narradores presentes na obra questionando a verdade que é apresentada está desenvolvida no capítulo três desta dissertação. Aqui, ela só é referida por ser Alberta a narradora personagem.

¹⁵⁹ FA. p. 46.

Alberta Zeller é uma mulher que preserva suas raízes culturais, uma vez que defende os valores de família e possui uma importância no papel que desempenha na casa e na sociedade, mas também transgredir as regras de uma sociedade marcada pelo hibridismo cultural, já que trabalha, sustenta-se e questiona as atitudes masculinas fazendo com que sua personalidade destaque-se das demais.

Herta Müller – Rosas

Nasceu em 1881, no interior do município de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Uma das fundadoras da colônia de San Martin. Após a trágica morte de Hermann Muller, casou-se com José Tarquino Rosas. Vitima de febre puerperal, consequência do nascimento de Gumercindo, em 1905, perdeu o domínio da mente. Morreu em 1936.¹⁶⁰

Herta Muller é outro exemplo de personagem marcante nessa narrativa. Após a trágica morte do marido, Herta viu-se sozinha com três filhos para criar. Jovem “e ainda nos ardores de mulher”¹⁶¹, não se importou com a comunidade alemã em que vivia, que era fechada e preservava sua cultura, mas casou-se novamente, depois do tempo determinado de luto, com o único homem solteiro que havia no povoado: “e como não havia homem branco, alemão, disponível, casou com aquele pêlo-duro.”¹⁶²

Mulher determinada, não permitiu que a comunidade ou a raça, a origem, interferisse na sua felicidade; enfrentou o preconceito do povoado, que acabou aceitando a união do casal Müller-Rosas. Através dessa personagem, ocorre no texto um hibridismo cultural, já

¹⁶⁰ FA. p. 168.

¹⁶¹ FA. p. 46.

¹⁶² FA. p. 46-47.

que descendentes de alemães e mestiços começam a dividir o mesmo espaço. Através de Herta, também a mulher alemã tem suas características reafirmadas, impondo sua vontade a toda uma comunidade. “Enfrentaria os homens e as mulheres e sua raça, abandonaria o vilarejo se preciso fosse, mas não abriria mão da chance de ser feliz.”¹⁶³

A personagem também representa como se desenvolvia a tradição em sociedade na época da colonização. Através da narrativa e das atitudes narradas sobre Herta, podemos perceber a influência e a força da sociedade na vida em comunidade. Ao ficar viúva, Herta é “obrigada” a cumprir um determinado tempo de luto, atitude que ela cumpre a contragosto, pois reserva-se não por livre e espontânea vontade, mas por obrigação, imposição da comunidade. Na noite em que tira o luto, Herta festeja “a ressurreição, a liberdade”¹⁶⁴, está de volta à vida.

Não, deveria sentir vontade de gritar, eu não estou mais morta, saí do túmulo de tempo que vocês me impuseram com a religião, estou livre do meu morto, eu agora sou uma rosa-de-natal e vou explodir, vou rasgar a casca.¹⁶⁵

A festa do casamento de Herta e José Tarquino, com a participação de todos os vizinhos, comidas típicas e música alemã, além de demonstrar através da literatura como eram comemoradas as festas nas colônias alemãs, mostra também a assimilação cultural por parte dos brasileiros. José Tarquino, embora fosse brasileiro, casa-se com Herta e celebra a união conforme os costumes alemães, mostrando, dessa forma, que a mistura racial entre a comunidade brasileira e a “imaginada” alemã era capaz de aceitar novos integrantes, mas

¹⁶³ FA. p. 37.

¹⁶⁴ FA. p. 36.

¹⁶⁵ FA. p. 36.

não abria mão de alguns costumes; assim começava a surgir o hibridismo cultural teuto-brasileiro no sul do país.

Depois que o pastor deu por encerrada a função matrimonial, José Tarquino quedou-se por alguns instantes a calcular o despropósito de suas dívidas: roupas novas, sapatos, móveis, um boi gordo, salsichões e galletos, cervejas produzidas por Eduard Könnig – mestre na arte dos vapores etílicos – pães, cucas e a torta dos noivos, feitos por Frau Schiller, exímia doceira, roupas de cama, mesa e banho, com finos bordados executados por Frau Becker, a animação do baile nos acordes da harmônica de Gustav Kiefer, e mais o que lhe custaria a vinda do ministro protestante de Cruz Alta.¹⁶⁶

Mas a felicidade não dura muito tempo: Herta é vítima da febre puerperal no nascimento do seu primeiro filho com José Tarquino. A doença de Herta pode ser interpretada como que um castigo, uma punição pela miscigenação, mistura de raças. É pela pessoa de Herta que o mestiço passa a ser aceito, a contragosto, na sociedade.

O papel de Herta restringe-se a duas questões principais no texto. A primeira é mostrar a “mistura racial”, pois como não havia no povoado um homem branco, alemão, sozinho para contrair matrimônio com Herta, ela casa-se com o *bugreiro* José Tarquino, único homem solteiro no povoado. A segunda seria mostrar também o preconceito por parte dos alemães para com as pessoas de outras raças, preconceito este que na narrativa não era tão forte, tampouco levado ao extremo, pois somente a família Zeller foi sempre contra a união do casal e, sabendo-se que Milena Zeller era quem comandava sua família e que também possuía um amor secreto pelo mestiço José Tarquino, fica fácil compreendermos o porquê de tanta reprovação por parte de Frau Zeller na atitude de Herta.

¹⁶⁶ FA. p. 42.

O preconceito maior no meio de colonos alemães ocorria onde viviam os imigrantes de classe social mais elevada; entre os colonos de baixa renda ou no meio rural mesmo não havia tantos preconceitos, eram todos iguais, trabalhadores, como o próprio narrador mostra em uma passagem do texto sobre como era visto José Tarquino: “ainda não era exatamente um *deles* mas já estava *entre eles*.”¹⁶⁷ Mesmo sem possuir a mesma cor da pele, com o tempo, José Tarquino foi aceito pela comunidade de colonos alemães que receberam, sem preconceitos, pessoas de outras nacionalidades, como o palestino Mahmud Mustafa.

Herta já se apresenta como uma mulher mais sensual. Seu nome significa *deusa da terra*¹⁶⁸, de origem germânica. Na simbologia, a terra é mãe e fecunda, daí sua representação voltada para a sexualidade. Seu desejo expressado na noite em que tira o luto demonstra uma sexualidade reprimida pelo tempo obrigatório de luto imposto pelas tradições religiosas. “Herta Müller sabia que o Destino se aproximava, urrando como uma onça faminta, pisoteando o lodo como um cavalo xucro na noite mesma em que se desvestira do luto?”¹⁶⁹ A mulher quebra a casca, está livre novamente, pode usar cores, flores, sorrir, a sociedade já não pode ditar as regras de sua vida.

A personagem de Herta não tem sua voz expressada ao longo da narrativa, seus pensamentos não aparecem em *A face do abismo*. Não podemos conhecê-la por sua voz, afora o desejo e a vontade de libertar-se, de fazer parte da sociedade e de voltar a viver com um homem, não sabemos de mais nada de sua vida ou acerca de seus sentimentos. Herta é uma personagem vista sob a perspectiva de outras duas vozes: a primeira é a de Alberta, que conta a história que ouviu de sua mãe condenando-a por seus atos; e a segunda, a do

¹⁶⁷ FA. p. 44.

¹⁶⁸ FERREIRA, Moacyr Costa. *Dicionário poliglótico de nomes de pessoas*. São Paulo: EDICON, 1996. p. 84.

¹⁶⁹ FA. p. 36.

narrador em terceira pessoa, que é o responsável por revelar a vida e/ou desejos de Herta, os quais eram voltados somente para sua sexualidade.

A união de Herta e José Tarquino pode ser vista como algo *ilegal*, uma vez que a mistura racial é questionada. A desgraça maior gerada dessa união é o próprio filho do casal. Gumercindo é o intendente e responsável direto pela construção da barragem e, conseqüentemente, pelo desaparecimento da cidade de San Martin. Herta é mãe e “responsável” por Gumercindo. A doença de Herta lhe poupa o sofrimento e, dessa forma, liberta-a da culpa do pecado.

Através do filho gerado por Herta , cumprem-se duas *profecias*: primeiro, o mundo era água e, através do consentimento de Gumercindo, a cidade retornará ao princípio de tudo, inundada pela água. O segundo seria a circularidade do tempo. Não existia nada quando o pai, José Tarquino, chegou, e o filho, Gumercindo, levará tudo ao nada novamente; “O fim estaria no princípio?”¹⁷⁰

Laura Jung-Rosas

Nasceu em 1909, no interior de Pau D’arco, distante poucos quilômetros de San Martin, filha de Eduard Jung e Regina Jung, protestantes; em 1926 conheceu Gumercindo Rosas e por ele se apaixonou, tendo sido seu único amor; casou-se em 1928 e 23 anos depois suicidou-se.¹⁷¹

¹⁷⁰ FA. p. 142.

¹⁷¹ FA. p. 166.

Laura é a personagem mais jovem, em relação às demais do romance, pois faz parte da segunda geração de imigrantes que habitaram aquela região. Moradora do povoado vizinho e também filha de alemães, possui traços em sua personalidade que a caracterizam como uma descendente de alemães, como a coragem e determinação de que se utiliza para enfrentar a família e casar-se com Gumercindo.

A personagem já é apresentada morta ao leitor. Nas lembranças do marido, ele procura um motivo para o suicídio da esposa. Nas narrativas de Alberta, ela aparece como uma mulher que sofreu a pior solidão, que é a solidão a dois. A outra narrativa nos conta sobre a vida de Laura, os motivos que a levaram, depois de vinte e três anos de casamento, a romper, mais uma vez, com as regras, dessa vez as religiosas, e acabar com a própria vida. O espectro de Laura está sempre rondando o marido Gumercindo, possivelmente para puni-lo pelo seu sofrimento, sua dor e solidão.

[...] percebeu como que uma sombra entre o inquieto reflexo de seus olhos na superfície de vidro e os próprios olhos, quase um vapor, um espectro. Com a mão esquerda, livre, tentou acariciar a miragem, que sumiu tão logo esboçou o gesto. Ela continua inatingível, pensou.

- Laura – murmurou Gumercindo Rosas.¹⁷²

Sua morte não representa o fim de seu sofrimento: ela é a libertação para uma vida de dor, uma vida sozinha, sem filhos, pois nunca conseguiu engravidar. Mas também representa a maior vingança contra aquele que lhe jurou amor e só lhe trouxe sofrimento. Laura “suportou calada as vergastadas e a vida.”¹⁷³ Mas o suicídio de Laura vem mostrar

¹⁷² FA. p. 12-13.

¹⁷³ FA. p. 100.

mais do que o fim de seu sofrimento, se observarmos o fato dela ter tirado a própria vida através da prática do enforcamento.

Na simbologia, segundo Jean Chevalier, o enforcado – referindo-se à carta do baralho de tarô, mas a que podemos associar também o ato do enforcamento, meio que Laura utilizou para tirar a própria vida – simboliza um sujeito absorvido a uma paixão, da qual é escravo e não tem consciência, sujeitando o corpo e a alma à tirania. “O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera e tudo suporta.”¹⁷⁴ O símbolo do enforcado possui ainda uma outra leitura: “sua aparente inatividade, sua posição, indicam uma submissão absoluta, que promete e assegura um maior poder oculto e espiritual.”¹⁷⁵

O papel desempenhado por Laura na narrativa é o de questionar a religiosidade. Na convivência com a mãe, ela questiona a igreja, as leis impostas pelos homens e o papel que eles dão a mulher. Seu modo de ver e pôr em dúvida a religião é o começo do caminho para Laura quebrar as regras da mesma, uma vez que, no futuro, ela comete o terrível pecado do suicídio.

No dia em que ela (Laura) lhe dissera que fora escrito por homens, homens normais, de carne e osso, com as mesmas paixões e vícios dos homens que ambas conheciam, aqueles homens que diziam palavras sujas e que tinham vidas sujas também, ela (a mãe) a insultara, chamando-a descrente, infiel, imunda, filha de Satanás, esquecendo-se que não, que ela (a filha) não era filha de ninguém mais senão dela (da mãe), que lhe dizia tais coisas abomináveis, e então as duas choraram: uma por ter parido a outra, e por ter o mesmo sexo da que parira jamais se tornaria Ministro do Evangelho como sonhara porque também o Mistério da Palavra estava vedado às mulheres, e chorou mais, chorou noite adentro porque não era capaz de parir um homem, ou até mesmo outra filha, porque, se pudesse continuaria parindo até conseguir o Varão

¹⁷⁴ FA. p. 16.

¹⁷⁵ CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990. p. 371.

que lhe resgatasse o sonho e desse sentido à vida; e a outra chorou também por ser mulher, porque se fosse homem aquilo que dissera a respeito das Escrituras e dos homens que as haviam escrito teria sido ouvido pela outra (a mãe) e ela (a outra, a mãe) talvez deixasse de adorar aquele maldito livro ensebado.¹⁷⁶

Vista por Alberta e pelas outras mulheres do povoado como uma pobre mulher, sofredora, infeliz, depois de morta, Laura encontra um lugar permanente na vida do marido, vive em sua lembrança. Gumercindo, o qual é assombrado pelo fantasma da esposa, procura incessantemente o motivo pelo qual Laura havia tirado a própria vida, sendo incapaz de perceber sua culpa.

A mulher é escrava do homem, Laura pensou. Gumercindo tirou as botas, abriu a fivela da cinta e a braguilha e, enquanto preparava um cigarro de palha, ela ajoelhou-se e antes dele mergulhar os pés na água tépida passou pela memória dela a infância em Pau D'Arco, e ainda antes de lavá-los, estava chorando em silêncio. Laura manteve os olhos no chão durante a tarefa, repugnava-lhe servir assim ao homem que um dia dissera amá-la e pelo qual enfrentara o racismo da família e o próprio ostracismo... levanta os olhos, ele disse. Laura levantou-os, sim, mas fulgurantes de ódio abafado. Por que essa cara de peixe morto? Ele perguntou. Ela nada respondeu e por isso ele, com um violento pontapé, virou a bacia de alumínio, alagou o assoalho. E não quero ouvir os seus ganidos recomendou Gumercindo Rosas.¹⁷⁷

Mas mesmo viva Laura já vagava como um *fantasma*, “murcha e medrosa”¹⁷⁸, sua vida não tinha um sentido, ficava longo tempo sozinha, não pôde ter filhos, sua única companhia era sua sombra, a mesma companhia do marido, vingança terrível, nos anos que se seguiram a sua morte.

¹⁷⁶ FA. p. 17.

¹⁷⁷ FA. p. 99.

¹⁷⁸ FA. p. 117.

Como já observamos, a religiosidade era algo muito forte entre os imigrantes alemães que se dirigiam para o sul do país. Dividiam-se entre católicos e protestantes e não se tem registros de colonos “sem religião”. Questiona-se através da personagem Laura, a questão religiosa, a ponto de ser posta em dúvida a crença, as leis da igreja e as imposições feitas aos seguidores.

Através dessa personagem, Kiefer desenvolve na obra duas questões religiosas: uma é tratada através da crítica ao protestantismo, que a família de Laura segue e que ela tanto critica e questiona através das discussões com a sua mãe, e também ao cometer o suicídio, rompendo definitivamente com as leis da igreja; a segunda remete o leitor à representação do fantasma de Laura que persegue Gumercindo. Existe uma vida após a morte? Laura é capaz de pairar por San Martin a atormentar Gumercindo, ou suas aparições não passam de miragens ou efeito do seu alto consumo de álcool?

A sexualidade reprimida de Laura também está presente na narrativa em terceira pessoa. A solidão sentida por ela, o vazio, a submissão à figura masculina, a revolta por seu sexo. Laura não se realiza como mulher, seus desejos, suas vontades são ignorados pelo marido que, na ânsia de possuí-la, acaba por perdê-la por completo. Ela cumpre suas obrigações de esposa sem prazer; a vida de Laura, que tanto se impôs para casar com o mestiço, é somente de desilusões. Todas essas questões são discutidas através da personagem que expressa sua indignação e revolta por ser mulher.

A festa de casamento de Laura e Gumercindo é um exemplo típico de preservação cultural entre os alemães, como observado no primeiro capítulo. Através da descrição da cerimônia, percebemos como eram realizadas, exatamente, as festas nas colônias alemãs. Todos os vizinhos ajudavam na confecção de doces,ucas, pães. A comida era farta, matavam bois, galinhas, porcos. Depois do almoço, os noivos e convidados dançavam ao

som das marchinhas. Ao fim da tarde, ainda era servido o café com mais tortas e bolos. No caso deles, como Gumercindo possuía uma boa situação econômica, não foi necessário que os dois morassem com os pais. Partiram na mesma tarde do casamento para a casa nova, sendo que, já no caminho, Laura pressente que sua vida não será de felicidade e amores. “ - Mulher, não dê palpites! E a casa de teus pais não é mais tua casa! – explodiu Gumercindo. Laura desejou que o cavalo rodasse, para acabar nas águas a primeira desfeita.”¹⁷⁹

O preconceito racial também aparece na narrativa de Laura, pois Gumercindo não possuía a mesma raça da esposa, era um mestiço. Mas Laura “enfrentara o racismo da família e o próprio ostracismo”¹⁸⁰ para ficar ao seu lado. Gumercindo era filho de um *bugreiro* com uma alemã, e por esse motivo é que obteve consentimento para casar-se com ela; sendo filho de uma alemã, seu sangue “também já não era um sangue tão impuro assim.”¹⁸¹ Laura não via empecilhos em casar-se com um homem que não tinha a sua cor ou que não possuía a sua religião mas, para algumas famílias de alemães, eles seriam para sempre diferentes.

Durante a sua vida, Laura vivencia a solidão e a repetição das coisas em tempos alternados. A vida acontece em ciclos segundo a personagem. A mulher determinada consumiu sua vida entre lavar, plantar, esperar pelo marido e admirar o rio e a chuva. A personagem que, na adolescência demonstrou fortes características das mulheres alemãs, depois de casada foi submetida a uma outra cultura, ao casar-se com um homem de outra raça.

¹⁷⁹ FA. p. 15.

¹⁸⁰ FA. p. 99.

¹⁸¹ FA. p. 16.

Tudo na vida de Laura era repetição, água, dias, meses, anos, guerras e ausências, solidão. Laura observava a vida sem participar dela, “respirava fundo o cheiro de terra molhada porque sabia que à terra retorna o que da terra é.”¹⁸² Perdeu sua identidade e não conseguiu adaptar-se à cultura imposta pelo marido. A vida é um ciclo onde as ações se repetem; como a personagem José Tarquino questiona *O fim estaria no princípio?* Para Laura sim. Ela foi firme até o fim, não teve medo de mais uma vez buscar e enfrentar o que preciso fosse para ser feliz, para encontrar a paz. “É preciso ter coragem. Não basta não ter gosto pela vida. É preciso contemplar a face do abismo e não temer.”¹⁸³

Milena Zeller

Nasceu em 1878, no interior do município de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Assumiu as funções religiosas e médicas da colônia fundada em 1903. Em 1923, durante a revolução, deu à luz Alberta Zeller, filha ilegítima, fruto de seu envolvimento com José Tarquino Rosas. Morreu em 1947.¹⁸⁴

Milena Zeller é a personagem mais ambígua desse romance. É também a mais exposta para o leitor através de descrições feitas pelos dois narradores que contam sua história. Através de sua vida é que podemos perceber as “várias versões que pode conter uma história.”¹⁸⁵ Ela surpreende não só pelo modo de ser e por sua determinação perante a

¹⁸² FA. p. 101.

¹⁸³ FA. p. 161.

¹⁸⁴ FA. p. 168.

¹⁸⁵ Já vimos na passagem de Alberta Zeller como ocorre a questão do questionamento da história e das verdades conhecidas por nós.

sociedade como também pelas descrições que fazem dela outras personagens, como na passagem a seguir:

- A senhora é fria como as águas deste rio, não sabe do amor a metade...
- Tem certeza?
- A pois, de quê?
- De que sou fria?
- Ah, tenho, que a senhora só há-de. Vive é nos enleios da Bíblia, não sai da igreja, é até amante de Deus nas pareenças...
- Não quer experimentar? – ela perguntou, o corpo amolecido sob o peso do corpo rijo de José Tarquino.¹⁸⁶

Modelo de mulher, mãe e esposa para a filha Alberta e para o vilarejo de San Martin, Milena é a personagem que possui duas narrativas distintas. Quando descrita sua sexualidade possui uma vida que pulsa, onde está expressa todo o feminismo da personagem, que a filha e também a comunidade de San Martin desconhecem por completo. Tudo nela possui duas perspectivas, “como as coisas todas do mundo também a história... tem duas versões.”¹⁸⁷

O nome de Frau Zeller, como já mencionado no capítulo anterior, é a primeira pista que temos da dupla perspectiva em relação à personagem. Duas maneiras de referir-se a ela, em dois momentos distintos de sua existência e que ocorre ao mesmo tempo. Quando chamada de Frau Zeller é uma mulher fria, que não demonstra sentimentos como mãe e tampouco perante a comunidade, é determinada e tenta de todas as formas preservar os costumes de sua origem germânica. A outra face da personagem é a amante apaixonada pelo “inimigo” José Tarquino. Milena, como é chamada por ele, é uma mulher doce,

¹⁸⁶ FA. p. 74-75.

¹⁸⁷ FA. p. 77.

carinhosa, feliz, que não tem medo de expressar seus sentimentos e os coloca acima da sua cultura.

Do casamento com Arthur Zeller, Frau Zeller gerou cinco filhos. Tem uma vida tranqüila e modesta. Comanda a casa, ajuda e orienta o marido, que não interfere nas ações da esposa. Uma mulher forte e decidida que impõe sua vontade e comanda o povoado de San Martin.

Frau Zeller não chora, nem mesmo ao saber da morte do marido, quando age então com indiferença pois recebe os “restos” do seu morto como se fosse de um estranho; se houve pranto não foi por amor e sim por companheirismo: “ela não chorou por sua ausência.”¹⁸⁸ Mas quando a vimos ao lado do amante, a sua descrição é outra bem distinta. *Milena* – modo como ele a chama - sorri, ama, entrega-se e chora. José Tarquino é o único a referir-se a ela dessa forma; o próprio nome Milena, que vem do sérvio e quer dizer amável, amorosa,¹⁸⁹ relaciona-a diretamente a José Tarquino, pois ele é a única pessoa a conhecer esse lado *amável* de Milena. “Durante o dia, diante a sociedade, eram inimigos; à noite, enquanto os tolos dormiam, faziam amor com o desespero dos animais no cio.”¹⁹⁰

O ódio está presente intensamente na vida de Frau Zeller. O limite entre amor e ódio é muito tênue para ela. Seu sentimento pelo amante, depois de sua partida para a guerra, é convertido em uma indiferença, um vazio que faz com que ele tenha certeza de que “o amor pode, sim, demudar-se em ódio.”¹⁹¹ Já a filha, Alberta, percebe esse ódio, mas não identificando o motivo, quando a mãe fala de Frau Herta, e sem perdoá-la por ter se casado

¹⁸⁸ FA. p. 86.

¹⁸⁹ OBATA, Regina. *Livro dos nomes*. São Paulo: Nobel, 1994. p. 142.

¹⁹⁰ FA. p. 84.

¹⁹¹ FA. p. 105.

com o *bugreiro*; nestes momentos, segundo a filha Alberta, Frau Zeller diz coisas que só uma mulher é capaz de dizer de outra mulher.

Segundo a narrativa de uma das filhas de Frau Zeller para Alberta, a filha mais nova, antes da guerra, na qual morreu o marido de Frau Zeller, a mãe vivia feliz pela casa, mas possuía picos de alegrias e tristezas, seu humor mudava repentinamente e também machucava-se com frequência. Tudo isto pode ser visto como uma forma de auto-punição por parte de Frau Zeller; ela sentia-se culpada por ser feliz, e essa felicidade não provinha de uma atitude digna da mulher com a responsabilidade que ela possuía, uma vez que um relacionamento extra-conjugal é um ato pecaminoso aos olhos da religião e da sociedade.

A figura de Frau Zeller está diretamente ligada à religião. Uma mulher que comanda a sociedade em que vive e pratica, além do culto protestante, o curandeirismo, é facilmente associada à figura de Jacobina Maurer,¹⁹² como uma mulher que comanda seu povo. Através da sua figura, questões religiosas, o curandeirismo e a figura de uma mulher comandando um povoado vem à tona. Nessa personagem, o escritor retoma sutilmente a questão do curandeirismo e da figura feminina no comando da comunidade. Frau Zeller não domina sua sociedade, mas é a pessoa que cuida da igreja e é a responsável pelo culto, já que nenhum pastor quis estabelecer-se no povoado. “Dirigiu-se à quermesse organizada por Frau Zeller, que era quem se ocupava das coisas da igreja, nenhum pastor aceitara fixar residência naquele fim-de-mundo.”¹⁹³ Como também era a melhor parteira do local, passou a ser ouvida e respeitada pelos demais devido também a essa atribuição.

¹⁹² A questão dos Muckers, grupo do qual Jacobina Maurer foi líder, está relatada no primeiro capítulo desta dissertação.

¹⁹³ FA. p. 33.

A prática de benzer, ou o curandeirismo, surgiu na sua chegada ao povoado, quando benzeu as ferramentas dos homens após a trágica morte de Hermann Müller. Ninguém lembra dela tê-lo feito antes em São Leopoldo. Mas Frau Zeller passou a ser a responsável também pela saúde da comunidade, sendo procurada tanto para curar doenças de pessoas como de animais. Mas a sua eficácia é questionada pela filha Alberta, que acredita ser a crença das pessoas a responsável pelas melhoras dos doentes.

Quando perdeu o marido, na guerra, outra passagem que remete à “história oficial” da colonização, já que muitos alemães que para o sul do Brasil imigraram lutaram pelo país e pelo estado nas Revoluções,¹⁹⁴ Frau Zeller proveu sozinha o sustento da família com a prática de adivinhações. Nessa passagem da narrativa, a filha Alberta deixa claro que a mãe aproveitava-se dos curiosos, mas não cobrava pelo trabalho, isso seria ganhar dinheiro de forma *ilícita*.

Os clientes deviam trazer uma galinha, um coelho, um pato ou um peixe de bom tamanho, de preferência dourado ou surubi. Depois das orações e abluções, Frau Zeller abria o animal, a ave ou o peixe e lia nas suas vísceras o humor de Deus e do Destino. Lógico, ninguém voltaria para casa com uma galinha morta e gotejando sangue.¹⁹⁵

Outro atributo de Frau Zeller era a beleza. “Dizem que foi magra e esbelta, cobiçada pelos homens da vila, eu a recordo gorda e feia, rancorosa, precocemente envelhecida.”¹⁹⁶ E essa visão de Frau Zeller não ocorre só pela narrativa da filha que a admira e faz da mãe um modelo. Quando José Tarquino a vê saindo das águas do rio também se surpreende com

¹⁹⁴Revolução Farrroupilha, Revolução de 1893 e Revolução de 1923.

¹⁹⁵ FA. p. 107.

¹⁹⁶ FA. p.69.

a mulher que tanto o odeia. “Quando saiu da água, Gumercindo não só percebeu tratar-se de mulher como a reconheceu: Frau Zeller! De dia é uma bruxa, de noite uma sereia, pensou.”¹⁹⁷

A forma pejorativa de chamar Frau Zeller, *bruxa*, ocorre não só por suas práticas de curandeirismo e rezas, como também pelas atitudes de Frau Zeller contra José Tarquino e todos os assuntos que iam de encontro a suas idéias. Frau Zeller tinha uma maneira de se impor que transgredia os padrões da época. Mesmo sabendo-se que a mulher alemã possuía uma postura distinta das demais, Frau Zeller estava à frente do seu tempo: “Exceto Frau Zeller, as mulheres daquele tempo não tinham voz.” Porém, mesmo sendo uma transgressora, essa personagem manteve-se íntegra aos olhos de sua sociedade. “Você teria o prazer de conhecer aquela mulher admirável, tenho certeza. Ela merecia ou não merecia ser nome de rua, escola pública ou avenida?”¹⁹⁸

¹⁹⁷ FA. p.74.

¹⁹⁸ FA. p.107.

CONCLUSÃO

A imigração no Brasil foi um fator que muito contribuiu não só para o desenvolvimento econômico como também para a formação cultural da sociedade, principalmente nos estados do sul do país. Muitas foram as etnias que se estabeleceram no Rio Grande do Sul e, entre elas, a alemã tem grande parcela nesse desenvolvimento. Os alemães não só ajudaram a construir uma sociedade como também contribuíram muito com sua cultura para esse espaço que estava em formação.

A cultura trazida pelos germânicos entrou em choque com os costumes encontrados no Rio Grande do Sul. Embora no princípio da colonização os alemães tenham permanecido isolados do restante da sociedade, aos poucos foi ocorrendo uma assimilação por ambas as partes, formando um hibridismo cultural e transformando definitivamente a cultura, os hábitos, a arquitetura e a culinária no sul do país. Por onde quer que passemos é possível identificar onde se estabeleceram os alemães pela arquitetura que encontramos; já no cotidiano, é impossível percebermos essas manifestações, uma vez que não podemos notar a diferença de uma cultura para outra e sim a que existe hoje, fruto da fusão entre as culturas encontradas no princípio do século XIX.

São Leopoldo, a primeira colônia alemã no estado, é hoje uma cidade onde da cultura alemã, da passagem e permanência desse povo na região, só encontramos monumentos e sobrenomes, em meio a tantos outros. O hibridismo cultural e a miscigenação transformaram a cidade, e o que encontramos hoje são, enfim, brasileiros, trabalhando pelo seu progresso local.

A produção literária de Charles Kiefer, em especial o romance *A face do abismo*, relata em seu desenvolvimento fatos marcantes da cultura germânica no Rio Grande do Sul e sua contribuição para a formação cultural do estado. A identidade germânica do escritor muito contribui para essa escrita, já que relata um mundo que bem conhece através das vivências e histórias contadas pelos mais velhos.

Ao relatar parte da história dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, Kiefer confere um destaque à figura feminina, mostrando sua importância na sociedade; além disso, relata a diferença cultural existente entre as mulheres gaúchas na época da colonização e os hábitos das alemãs, que eram incomuns às demais que viviam no estado. Essa diferença nas atitudes das personagens femininas que encontramos na obra do escritor é certamente distinta pelo fator cultural.

É freqüente na literatura sulina encontrarmos personagens femininas com uma personalidade marcante e determinada. O fator temporal também ajuda a justificar esse comportamento, pois as personagens de Kiefer são contemporâneas; porém, em *A face do abismo*, as descendentes de alemães que encontramos figuram no princípio do século XX, não são mulheres contemporâneas como as demais encontradas em sua obra. É esse fato que ajuda a dar veracidade à questão dessa mulher ser “diferente”, em razão da sua ascendência germânica.

Outro fato que diferencia a personagem kieferiana das demais é o de impor-se a sociedade em busca de uma realização pessoal. Herta Müller enfrenta a colônia para casar-se com um *mestiço*, está disposta a abandonar o vilarejo para ser feliz, e essa felicidade não está no amor, e sim no sexo. Laura vai de encontro às idéias da família, da religião e da sociedade para tentar encontrar a felicidade.

A personagem Frau Zeller se enquadra dentro do modelo alemão estereotipado que se conhece: forte, determinada, impõe sua vontade à comunidade a que pertence. Entre todos os moradores do vilarejo é ela, uma mulher, a líder dos colonos, e ela é capaz de atitudes pouco dignas para atingir seus objetivos de ter uma posição social de destaque no povoado. Já Milena, como é chamada pelo amante, demonstra outra personalidade da mesma pessoa, sem perder o seu objetivo, que é sempre o de realização pessoal; nesse caso, o que a motiva é o amor que sente, mesmo sendo esse amor visto pela igreja como pecaminoso, o que lhe importa é sua satisfação.

Alberta já é uma personagem contemporânea, mas mesmo assim possui atitudes consideradas inovadoras para a sociedade machista em que vivia. Não adota o sobrenome do marido, é a primeira mulher a ingressar na política na região em que vivia, provê sozinha o seu sustento, é independente, mas não se considera feminista. Defende a feminilidade e é contra a igualdade sexual proposta pelo sexo feminino.

Ao longo desta dissertação, tentei localizar o imigrante alemão na nova sociedade, verificar os traços de sua cultura, identificar o surgimento de um hibridismo cultural para, enfim, distinguir a figura feminina alemã da mulher que já se encontrava no sul do país. E, através desse resultado, perceber a influência da cultura germânica no comportamento da mulher sulina, principalmente na diferença existente entre o comportamento em meio a outras culturas étnicas e as descendentes germânicas.

Constata-se, então, através da observação da história dos alemães que vieram para o Brasil, que a cultura germânica possibilitava à mulher uma liberdade e uma igualdade de papéis que no século XIX não eram comuns às mulheres sulinas. Através da história, percebemos que muitos hábitos trazidos pelas alemãs foram transformados, mas muito também ganhou a mulher sulina em contato com a nova cultura e com a fusão entre as duas.

Infelizmente, não só os pontos positivos foram preservados, pois a sociedade patriarcal muito tolheu o desenvolvimento da figura feminina; mas os primeiros passos já foram dados, a mulher sulina hoje já sabe o que quer e, mesmo com obstáculos a vencer, com determinação, característica esta herdada das primeiras alemães que chegaram ao sul, vão construindo seu caminho, e a literatura é a prova disto, quando nos apresenta um novo perfil de mulher.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins, 1976.
- AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil: a revolta dos "Mucker"*. São Paulo: Símbolo, 1987.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ARISTÓTELES, HORÁCIO e LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- ASSIS, Valesca de. Uma Frau construída com palavras. In: FISCHER Luís Augusto, GERTZ, René E. (orgs.). *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.
- BARBOSA, Márcia Fagundes. *Vivendo além das fronteiras: o guarda-roupa alemão de Lausimar Laus*. Florianópolis, 2002. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.
- BAUMGARTEN, Carlos. Literatura e história: o entrecruzamento de discursos. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (orgs.). *Pensar a revolução federalista*. Rio Grande: Ed. FURG, 1993.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. São Paulo: Nova Fronteira, 1949.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Obras escolhidas.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BÍBLIA SAGRADA. 136ª Edição. São Paulo: Ave Maria, 2000.
- BONDI, Liz. Localizar as políticas de identidade. *Debate Feminista*, México, Ed. Especial, p. 245-265, 1999.
- BONOW, Andréa Mostardeiro. Isso é coisa de alemão. In: FISCHER, Luís Augusto, GERTZ, René E. (orgs.). *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.
- BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *As virtudes da casa*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

- CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.8, n. 2, p. 91-108, 2/2000.
- CANDIDO, Antonio et al. A personagem do romance. In: _____ et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CÉSAR, Guilhermino. A vida literária no Rio Grande do Sul. In: *Rio Grande do Sul: terra e povo*. Porto Alegre: Globo, 1964.
- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para sua história*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999.
- CUNHA, Helena Parente. *Mulheres Inventadas 1*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- DACANAL, José Hildebrando (org.). *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Tempos de incerteza: a discriminação aos teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. EST, 1995.
- FERREIRA, Moacyr Costa. *Dicionário poliglótico de nomes de pessoas*. São Paulo: EDICON, 1996.
- FISCHER, Luís Augusto e GERTZ, René E. (orgs.). *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.
- FLORES, Hilda A. Hübner. *Regionalismo sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996.
- FORSTER, Edward M. *Aspectos do romance*. São Paulo: Globo, 1998.
- FRANCO, Jean. Sentido e sensualidade: notas sobre a formação nacional. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses; o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GERTZ, René E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1991.
- _____. Os cidadãos teuto-gaúchos. In: FISCHER, Luís Augusto; GERTZ, René E. (orgs.). *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

- _____. O integralismo na zona colonial alemã. In: DACANAL, José Hildebrando (org.). *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- GUIMARÃES, Josué. *Tempo de solidão*. Porto Alegre: LP&M, 1998.
- _____. *Tempo de guerra*. Porto Alegre: LP&M, 1998.
- HAIKE, Roselane; SILVA, Kleber da e ARENDT, Isabel Cristina. *Representações do discurso teuto-católico e a construção de identidades*. Porto Alegre: EST, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HEGEL, Georg W. F. *Estética*. Lisboa: Guimarães, 1980. v.7.
- HENRIQSON, Marlene Therezinha Corrêa. *Um rio imita o Reno – história e ficção*. Porto Alegre, 1982. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1982.
- HOEPER, Dinorá. Novo Hamburgo: a Europa que nós perdemos. In: FISCHER, Luís Augusto; GERTZ, René E. (orgs.). *Nós os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.
- ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.
- KIEFER, Charles. *A face do abismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- _____. *A última trincheira*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.
- _____. *O escorpião da sexta-feira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.
- _____. *O pêndulo do relógio*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- _____. *O poncho*. Porto Alegre: WS, 1999.
- _____. *Os ossos da noiva*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- _____. *Quem faz gemer a terra*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- _____. *Valsa para Bruno Stein*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- _____. *Autores gaúchos 3*. Porto Alegre: IEL. 1990. [Entrevista concedida a Maria Luiza Remédios, Aldyr Garcia Schlee].
- _____. *Chat Terra*. Entrevista com Charles Kiefer na Feira do Livro de Porto Alegre. Disponível em: [http://chat4.terra.com.Br:9781/entrevis_literatura.htm]. 06/11/2001.

_____. Eu escrevo por necessidade, vaidade e dinheiro. *Blau*. Porto Alegre, p. 4-5, 1995.
[Entrevista concedida a José Hildebrando Dacanal].

KLAHN, Norma. Travesías/travesuras: des/vinculando imaginarios culturales. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v.8, n. 2, p. 63-75, 2000.

LANDO, Adair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica*. Porto Alegre: Movimento, 1976.

LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1987.

MAYER, Marlise Regina. *Apesar de ser mulher...: um estudo da participação feminina na história de Novo Hamburgo*. São Leopoldo, 1992. Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1992.

MOOG, Viana. *Um rio imita o Reno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

MULLER, Telmo Lauro. *175 anos de colonização alemã*. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

_____. A memória dos teuto-gaúchos. In: FISCHER, Luís Augusto; GERTZ, René E. (orgs.). *Nós os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

MULHALL, Michael G. *O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs*. Porto Alegre: Bels, 1974.

MURARO, Rose Marie. *A mulher na construção do mundo futuro*. Petrópolis: Vozes, 1969.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.8, n. 2, p. 9-41, 2000.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

PETRY, Leopoldo. *História da colonização alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermond & Co., 1936.

PRADO Jr., Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

PRATT, Mary Louise. Mulher, literatura e irmandade nacional. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses; o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

- ROCHE, Jean. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- _____. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. In: *Rio Grande do Sul: Terra e povo*. Porto Alegre: Globo, 1964.
- ROSENFELD, Anatol. *Texto e contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- RÖSING, Tânia. O outro lado da história. In: *Autores gaúchos 3*. Porto Alegre:IEL, 1990.
- SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SALGADO, Plínio. *A mulher no século XX*. Rio de Janeiro: Guanumbi, 1949.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821*. São Paulo; Belo Horizonte: Edusp; Itatiaia, 1974.
- SANTIAGO, Silviano. Atração do mundo (políticas de identidade e de globalização na moderna cultura brasileira). *Gragoatá*, Niterói, n.1, p. 31-54, 2/1996.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 2/1990.
- SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Ed. UNB, 1990.
- _____. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: FAUSTO, Bóris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999.
- VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. São Paulo: Globo, 1998.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- WEBER, João Hernesto. O imigrante na ficção gaúcha. In: DACANAL, José Hildebrando (org.). *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil*. São Paulo: Cia. Nacional, 1940.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- _____. Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: LP&M, 1985.